



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL



Jussara dos Santos Rosendo

ENTRE MAPAS DE UMA VIDA ACADÊMICA

uma trajetória na Geografia

Memorial acadêmico

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

2026

Jussara dos Santos Rosendo

**ENTRE MAPAS DE UMA VIDA
ACADÊMICA**

uma trajetória na Geografia

Memorial descritivo da trajetória acadêmica e profissional apresentado como parte das exigências à promoção funcional para Professor Titular da Carreira de Ensino Superior da Universidade Federal de Uberlândia, conforme resolução CONDIR, N° 03/2017.

Ituiutaba

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R813e Rosendo, Jussara dos Santos, 1980-
2026 Entre mapas de uma vida acadêmica [recurso eletrônico] : uma
trajetória na Geografia / Jussara dos Santos Rosendo. -- 2026.

Memorial Descritivo (Professor Titular) -- Universidade Federal de
Uberlândia, Instituto de Ciências Humanas do Pontal.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.pt.2026.11019>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - Formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Ciências Humanas do Pontal. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário(a)-Documentalista - CRB-6/3408

DEDICATÓRIA

À minha mãe, que me guiou pelo melhor caminho que eu poderia ter seguido; ao meu pai e aos meus irmãos, por compartilharem comigo momentos inesquecíveis até aqui.

Ao André, parceiro de vida e profissão, que Ituiutaba me presenteou, e aos meus filhos, Lucas e Beatriz, que (re)organizaram a rota da minha trajetória, apresentando-me um caminho antes desconhecido e hoje tão amado.

Viver, é melhor que sonhar...

(Como nossos pais, Belchior, 1976, interpretado por Elis Regina)

AGRADECIMENTOS

À minha família, meus pais, Maria Lúcia e José, e meus irmãos, Sidiclei e Bruno, meus primeiros vínculos e meu porto seguro, que sempre me apoiaram em todas as fases da vida profissional e pessoal. Todas as vezes que precisei, nunca me senti só, pois vocês foram presença constante.

Ao meu companheiro, André, que me acompanha há 16 anos, com quem divido aventuras, rotinas, anseios e o amor pelos nossos filhos.

Aos meus filhos, Lucas e Beatriz, que transformaram a maneira como vivo a Geografia e me fizeram compreender que, além de aulas, comissões, projetos e metas, tenho a missão de guiá-los pelas estradas da vida.

Aos verdadeiros amigos que fiz por onde passei, desde os que estão aqui até os espalhados pelo Brasil, e que fazem parte do mapa da minha vida.

Aos(às) estudantes que encontrei ao longo destes 26 anos de atuação como professora, desde a Educação Básica, nos anos 2000, até o Ensino Superior, a partir de 2008. Alguns discentes simplesmente passaram, enquanto outros permaneceram por meio de laços duradouros, dos quais me orgulho de fazer parte.

Aos colegas de trabalho, que, além das atribuições da rotina docente, compartilham comigo risadas e chopes gelados, e cujas portas estão sempre abertas.

Aos professores que contribuíram com a minha formação e deixaram exemplos de atuação e profissionalismo, em especial ao Roberto Rosa e Edson Eyji Sano, que estiveram presentes nas últimas etapas de minha formação.

Às amigas e colegas de docência Patrícia Matos e Fernanda Rigue, pelo olhar cuidadoso na revisão final deste memorial, e a Carlos Damasceno, pelo auxílio com a elaboração dos mapas que espacializaram as informações do meu currículo Lattes.

Aos membros da banca de defesa deste memorial acadêmico, Profa. Dra. Joelma Cristina dos Santos, Prof. Dr. Roberto Barboza Castanho, Prof. Dr. Marcos Antônio Silvestre Gomes e Profa. Dra. Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim, pelo aceite em integrar este momento tão especial. Pessoas escolhidas não apenas pela atuação profissional de destaque, mas também pela importância das relações estabelecidas durante a minha caminhada acadêmica.

À Universidade Federal de Uberlândia, instituição à qual dediquei grande parte da minha experiência profissional. Ao Campus Pontal, em Ituiutaba, lugar que escolhi para viver e onde,

há 18 anos, venho construindo não apenas uma carreira, mas também projetos, amizades e uma parte fundamental da minha vida.

Às políticas sociais que me permitiram estudar, do ensino fundamental e médio à pós-graduação, em instituições públicas, bem como às políticas de expansão das universidades federais, que viabilizaram a realização de tantos sonhos.

Às agências de fomento que, ao longo dos últimos anos, apoiaram meus projetos, em especial à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pela confiança no meu potencial como pesquisadora e pelo investimento na Ciência.

A todos que, direta ou indiretamente, estiveram comigo nesta jornada e deixaram boas recordações em cada mapa da minha vida.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Joelma Cristina dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO)

Ituiutaba-MG

(Presidenta)

Profa. Dra. Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT)

Presidente Prudente - SP

Prof. Dr. Roberto Barboza Castanho

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMA)

São Borja - RS

Prof. Dr. Marcos Antônio Silvestre Gomes

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

Uberaba - MG

RESUMO: Este Memorial Acadêmico apresenta minha formação e atuação profissional como professora, pesquisadora, extensionista e gestora no curso de Geografia do Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ao longo dos últimos 18 anos. Sua elaboração integra os requisitos para a promoção à Classe E, de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme previsto na Lei nº 12.772/2012, alterada pela Lei nº 12.863/2013, na Portaria MEC nº 982/2013 e na Resolução nº 03/2017 do Conselho Diretor da UFU (CONDIR-UFU). Por atuar na área das geotecnologias, optei por elaborar este material a partir da compreensão de que a vida acadêmica, assim como um mapa, é constituída por diferentes coordenadas, caminhos, escolhas, encontros e mudanças de direção que, articulados, permitem compreender o percurso construído até o presente. Nascida em São Bento, no Sertão da Paraíba, e criada no interior do estado de São Paulo, minha aproximação com a Geografia ocorreu ainda na Educação Básica e se consolidou com o ingresso, em 1998, no curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Presidente Prudente (SP). A experiência com a docência teve início durante a graduação e se estendeu, posteriormente, ao Ensino Superior, constituindo-se desde então como atuação profissional contínua. A formação acadêmica e a base da produção científica foram construídas a partir do diálogo entre sociedade, natureza, território e ambiente, com ênfase no uso das geotecnologias aplicadas à análise espacial e ambiental. A atuação na UFU, especialmente no Campus Pontal, em Ituiutaba, constitui parte significativa dessa construção. Ao longo desse período, participei da implantação e consolidação do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, exerci atividades de coordenação, atuei na gestão de laboratórios e grupos de pesquisa e desenvolvi projetos de ensino, pesquisa e extensão. Para a elaboração deste Memorial, utilizei procedimentos de levantamento, organização e sistematização de documentos, registros acadêmicos, produções científicas e experiências profissionais, articulados à rememoração e à reflexão sobre minha formação e atuação, documentadas na plataforma Lattes. Como apoio à revisão do texto, utilizei ferramentas de Inteligência Artificial (IA), mais especificamente o ChatGPT (OpenAI) e o Claude (Anthropic), exclusivamente para revisão ortográfica e gramatical, mantendo sob minha responsabilidade a autoria, o conteúdo, as reflexões e as análises apresentadas neste documento. Este Memorial constitui um exercício de reflexão sobre a trajetória percorrida e sobre os caminhos que permanecem abertos, pois, como um mapa em constante atualização, a vida acadêmica continua a ser construída.

Palavras-chave: Memorial; mapas; Geotecnologias; e trajetória acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I.....	14
As primeiras coordenadas: origens e lugares.....	14
As influências e a escolha pela Geografia.....	19
CAPÍTULO II	22
Cartografando caminhos: a formação acadêmica.....	22
CAPÍTULO III.....	31
O trabalho de campo como espaço de formação geográfica	31
CAPÍTULO IV	36
O campus Pontal como lugar em consolidação	36
CAPÍTULO V.....	41
A docência e a participação em diferentes trajetórias.....	41
CAPÍTULO VI	46
Extensão Universitária e o compromisso com a sociedade.....	46
CAPÍTULO VII.....	52
Pesquisa, Inovação e Produção do conhecimento.....	52
CAPÍTULO XIII	60
A gestão acadêmica e o trabalho coletivo.....	60
CAPÍTULO IX.....	67
Laços de amor e amizade	67
CAPÍTULO X.....	73
O mapa continua em constante atualização	73
ANEXO A.....	78
Tabela de produção acadêmica apresentada no processo de promoção à Classe E – Professor Titular	78

INTRODUÇÃO

O presente Memorial Acadêmico é apresentado como parte dos requisitos para a promoção à Classe E, Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme previsto na Lei nº 12.772/2012, alterada pela Lei nº 12.863/2013, na Portaria MEC nº 982/2013 e na Resolução nº 03/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Em consonância com esses dispositivos, este documento busca evidenciar uma experiência acadêmica pautada pela contribuição ao ensino, à pesquisa, à extensão, à gestão acadêmica e à produção científica, aspectos que fundamentam a avaliação para o acesso à classe de Professor Titular.

O ANEXO A, apresenta a produção acadêmica no interstício de 20/10/2024 a 20/10/2026, devidamente comprovada no processo SEI nº 23117.047684/2026-49 da UFU, relativo à promoção à Classe E – Professor Titular de modo que a pontuação final alcançada foi de 4.077,83 pontos.

Entretanto, mais do que atender a uma exigência legal e institucional, este memorial representa uma oportunidade de revisitar os caminhos percorridos ao longo de minha vida pessoal, acadêmica e profissional, reconhecendo que todo percurso acadêmico é feito de escolhas, desafios, conquistas e, sobretudo, pelas pessoas que dela fizeram parte.

O título “Entre mapas de uma vida acadêmica: uma trajetória na Geografia” traduz a essência deste memorial. Os mapas simbolizam a Geografia e as Geotecnologias, campos do conhecimento que orientaram minha formação e minha atuação acadêmica. Ao longo da carreira, o ensino, a pesquisa, a extensão, a gestão universitária e a produção do conhecimento estiveram presentes de forma articulada, sem deixar de lado as pessoas que fizeram parte dessa jornada, representadas pelos estudantes, orientandos, colegas, técnicos, parceiros institucionais, familiares e amigos que contribuíram, de diferentes formas, para a construção da profissional e da pessoa que sou hoje.

A escolha dessa analogia entre o mapa e a minha trajetória acadêmica não foi casual. Como geógrafa, compreendo o mapa não apenas como um instrumento de localização, mas como uma representação elaborada a partir de escolhas, referências e relações que permitem interpretar determinado espaço ou fenômeno. Um mapa não reproduz integralmente o território, é preciso selecionar elementos, estabelecer proporções, definir formas de representação e orientar o olhar de quem o consulta.

De maneira semelhante, este memorial não pretende reproduzir a totalidade das atividades desempenhadas nos últimos 18 anos na UFU, mas apresentar uma representação reflexiva daquilo que me trouxe até aqui. Para isso, será necessário selecionar acontecimentos, lugares, pessoas e experiências que, articulados, permitam compreender não apenas o que realizei, mas também as influências e escolhas que contribuíram para constituir minha identidade acadêmica e profissional.

Para elaborar um bom mapa, alguns elementos são indispensáveis. A escolha correta daquilo que será representado pode conferir maior significado à leitura do espaço; por outro lado, escolhas inadequadas podem comprometer sua interpretação e conduzir a erros. Essa mesma lógica pode ser associada aos rumos pessoais e profissionais que tomei.

As coordenadas geográficas, representadas pela latitude e pela longitude, permitem localizar pontos exatos na superfície terrestre. Na minha caminhada, elas simbolizam os lugares por onde passei, as vivências que experimentei e as relações que fui construindo ao longo do tempo. As cidades que fizeram parte dessa jornada, desde São Bento (Paraíba), onde nasci, passando por Martinópolis (São Paulo), onde vivi minha infância e juventude, até chegar a Ituiutaba (Minas Gerais), lugar que marcou grande parte da minha experiência profissional, representam momentos importantes de uma história que continua a ser construída.

Nem sempre as coordenadas foram previamente definidas ou rigorosamente calculadas. Ainda assim, considero que os passos dados foram fundamentais para que cada etapa se concretizasse. A graduação, por exemplo, representou uma rota recalculada, pois não era minha primeira opção, tampouco correspondia à formação inicial ou à profissão que eu imaginava seguir pelo resto da vida. Ainda assim, o mapa da minha vida foi sendo orientado por profissionais tão capacitados que se tornaram referências e inspirações, fazendo-me desejar, um dia, ocupar uma posição semelhante à deles.

Além das coordenadas geográficas, um mapa precisa de escala adequada. Essa proporção, que permite representar, de maneira coerente, as distâncias existentes no terreno, pode ser compreendida, na experiência acadêmica, como uma metáfora para o equilíbrio entre suas

diferentes etapas e dimensões, representadas pelo ensino, pela pesquisa, pela extensão e pela gestão.

A orientação em um mapa é dada pela rosa dos ventos, que apresenta os pontos cardeais e auxilia na localização espacial. Existe, nesse caso, uma convenção segundo a qual o norte geralmente é representado na parte superior do mapa. Na minha vida acadêmica, também tive a presença de um norte muito forte. Na família, minha mãe tornou-se uma referência fundamental. Durante a graduação, encontrei excelentes professores que nortearam minha formação e ampliaram meus horizontes de conhecimento. Na pós-graduação, o meu orientador foi essencial para me mostrar caminhos e possibilidades. Ao longo dos anos, meu marido, meus filhos e os inúmeros amigos que compartilharam comigo os bons e os difíceis momentos também contribuíram para dar sentido às escolhas e aos rumos que fui tomando.

Um mapa, entretanto, não é apenas um conjunto de coordenadas, escalas e direções. Ele é uma representação de caminhos, de lugares e de relações que permitem compreender como os espaços se conectam e se transformam. Da mesma forma, minha vida acadêmica não pode ser compreendida apenas pela sucessão de títulos, cargos, projetos e atividades desenvolvidas. Ela resulta também de encontros, escolhas, deslocamentos, oportunidades, desafios e aprendizagens que se entrelaçam à minha história de vida.

É a partir dessa perspectiva que pretendo revisitar meu percurso acadêmico. Mais do que apresentar uma sequência cronológica de acontecimentos, busco compreender o que me trouxe até aqui, os lugares que marcaram minha formação, as pessoas que contribuíram para minhas escolhas e as experiências que ajudaram a constituir a profissional e a pessoa que sou. Para isso, é necessário retornar ao ponto de partida e reconhecer, nas primeiras paisagens da minha vida, algumas das coordenadas que orientaram as escolhas que fiz e os rumos que tomei.

CAPÍTULO I

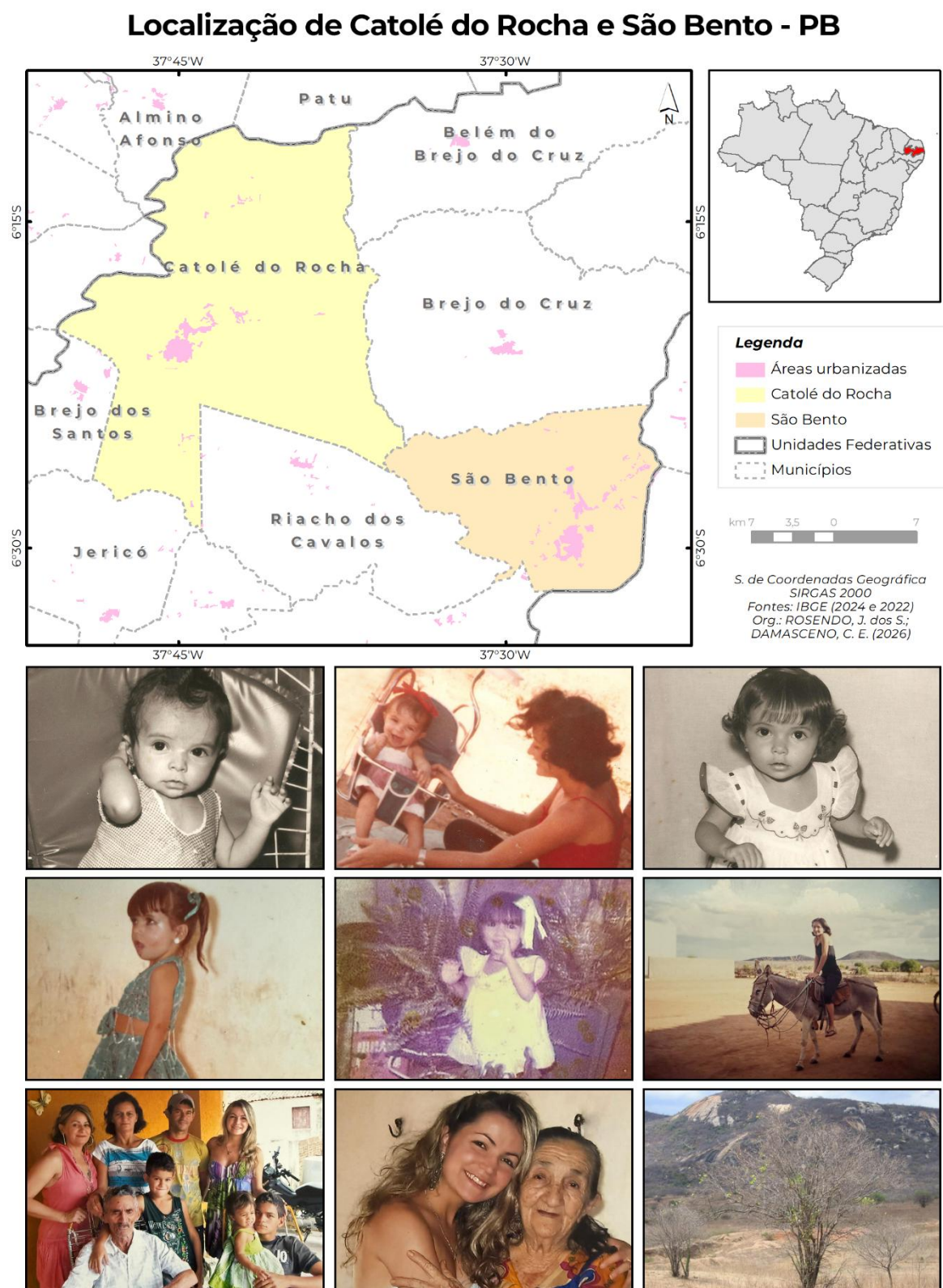
As primeiras coordenadas: origens e lugares

Nasci na cidade de São Bento, no sertão da Paraíba, situada nas coordenadas 6° 29' 24" S e 37° 27' 00" W, filha de José Assis Rosendo e Maria Lúcia dos Santos Rosendo. São Bento é conhecida como a “Capital Mundial das Redes”, em referência à expressiva produção artesanal de redes, que alcança cerca de 12 milhões de unidades por ano. Vivi nessa cidade até os três anos de idade (Figura 1). Depois disso, minha família se mudou para o interior do estado de São Paulo. Antes, porém, de narrar essa passagem, considero importante fazer algumas observações sobre a história de minha família, pois ela constitui parte fundamental do que me trouxe até aqui.

As famílias de meus pais têm origem no campo. Meus avós maternos, *in memoriam*, viveram no Sítio São Pedro, situado no município de Catolé do Rocha, nas coordenadas 6° 20' 38" S e 37° 44' 49" W, onde minha mãe nasceu. Guardo na memória seus relatos sobre a vida simples no campo, em uma família numerosa, composta por quinze filhos, e sobre as dificuldades enfrentadas para frequentar a escola. Lembro-me, também, das narrativas sobre o esforço de meu avô para que seus filhos estudassem e tivessem melhores condições de vida.

Foi em busca dessas melhores condições de vida que alguns de meus tios maternos migraram para o interior de São Paulo, na década de 1980, para trabalhar nas lavouras de algodão. Meus avós paternos também têm origem no campo. Diferentemente de minha mãe, entretanto, meu pai não conseguiu concluir os estudos, pois precisou trabalhar desde muito cedo. Aos nove anos de idade, já atuava na lida das lavouras na cidade de São Bento. Como era o mais velho de quatorze irmãos, contribuía para a renda familiar em um contexto no qual trabalhar era uma necessidade mais urgente do que estudar. Por essa razão, concluiu apenas o equivalente ao atual 4º ano do Ensino Fundamental.

Figura 1 – Mapa de localização de Catolé do Rocha e São Bento - PB



Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

Na época em que meus pais se conheceram, meus avós incentivavam o casamento de seus filhos com pessoas reconhecidas como trabalhadoras, isto é, pessoas que pudessem contribuir para um futuro digno para a família. Foi nesse contexto que meus pais se casaram e passaram a viver na cidade de São Bento.

A renda familiar era constituída pelo trabalho assalariado informal de meu pai, como pedreiro. Minha mãe, por sua vez, trabalhava como professora no Programa Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Por volta de 1983, motivado pela migração dos irmãos de minha mãe, meu pai deslocou-se para o interior de São Paulo para trabalhar nas lavouras de algodão. A ideia inicial era verificar as condições de trabalho e, caso a experiência fosse bem-sucedida, minha mãe e eu nos mudaríamos, posteriormente.

Naquele período, cinco de meus quatorze tios maternos viviam em áreas rurais do distrito de Vila Escócia, pertencente ao município de Martinópolis, São Paulo. Todos estavam envolvidos com o cultivo e a colheita do algodão.

Ainda guardo algumas lembranças do período em que vivi no sertão da Paraíba, dentre elas as brincadeiras com os primos, a modelagem de argila no sítio de meu avô, as longas conversas da família reunida na varanda da pequena casa, construída com paredes de pau a pique. Naquele espaço, nunca faltaram afeto e convivência familiar.

Também me acompanham as lembranças da viagem de ônibus, da Paraíba até São Paulo, e das crianças que corriam ao lado do veículo, pedindo coisas pelas janelas. Depois de três dias de viagem, chegamos ao destino final, o sítio Aurora, localizado na Vila Escócia (21° 59' 45" S e 51° 1' 37" W), no município de Martinópolis-SP, ainda no ano de 1983.

São muitas as recordações dos seis anos em que vivemos neste sítio. Dividíamos a mesma casa com meu tio Neto, sua esposa, Jandira, e minhas primas, Elaine e Cláudia, pessoas muito importantes, ainda hoje. Essa convivência me ensinou muito sobre amizade, afeto, amor à natureza e valorização das coisas simples. Certamente, essas experiências contribuíram para a formação de muitos dos valores que carrego comigo e que, de diferentes maneiras, também se refletem em minha vida profissional.

Hoje, olhando retrospectivamente, reconheço nessas experiências algumas das primeiras vivências que, de maneira ainda inconsciente, contribuíram para a relação que tenho com o espaço, com os lugares e com a descoberta do mundo, elementos que mais tarde se tornariam centrais na formação como geógrafa.

Éramos três primas que desbravavam rios, córregos e cachoeiras; andávamos (e também caíamos) de cavalo; transformávamos espigas de milho em bonecas e fazíamos das árvores nossas casas. Fui uma criança livre e feliz, e reconheço hoje o privilégio de ter vivido essa infância. O meu apreço pela descoberta de novos lugares e a curiosidade diante dos diferentes espaços talvez tenham suas raízes, em parte, nessa fase da minha vida.

Posteriormente, minha mãe viu um anúncio sobre um curso de Auxiliar de Enfermagem e decidiu matricular-se. Ao concluí-lo, foi convidada a trabalhar na Santa Casa de Martinópolis (22° 08' 45" S e 51° 10' 15" W). Essa oportunidade foi determinante para nossa saída do espaço rural e para a mudança da família para a cidade de Martinópolis (Figura 2).

A partir de 1986, portanto, nossa vida tornou-se urbana. Meu pai continuou trabalhando como pedreiro, enquanto minha mãe passou a trabalhar na Santa Casa. Eu e meu irmão Sidiclei frequentávamos a creche destinada aos filhos dos funcionários da instituição. Em 1987, nasceu meu irmão mais novo, Bruno, completando nossa família.

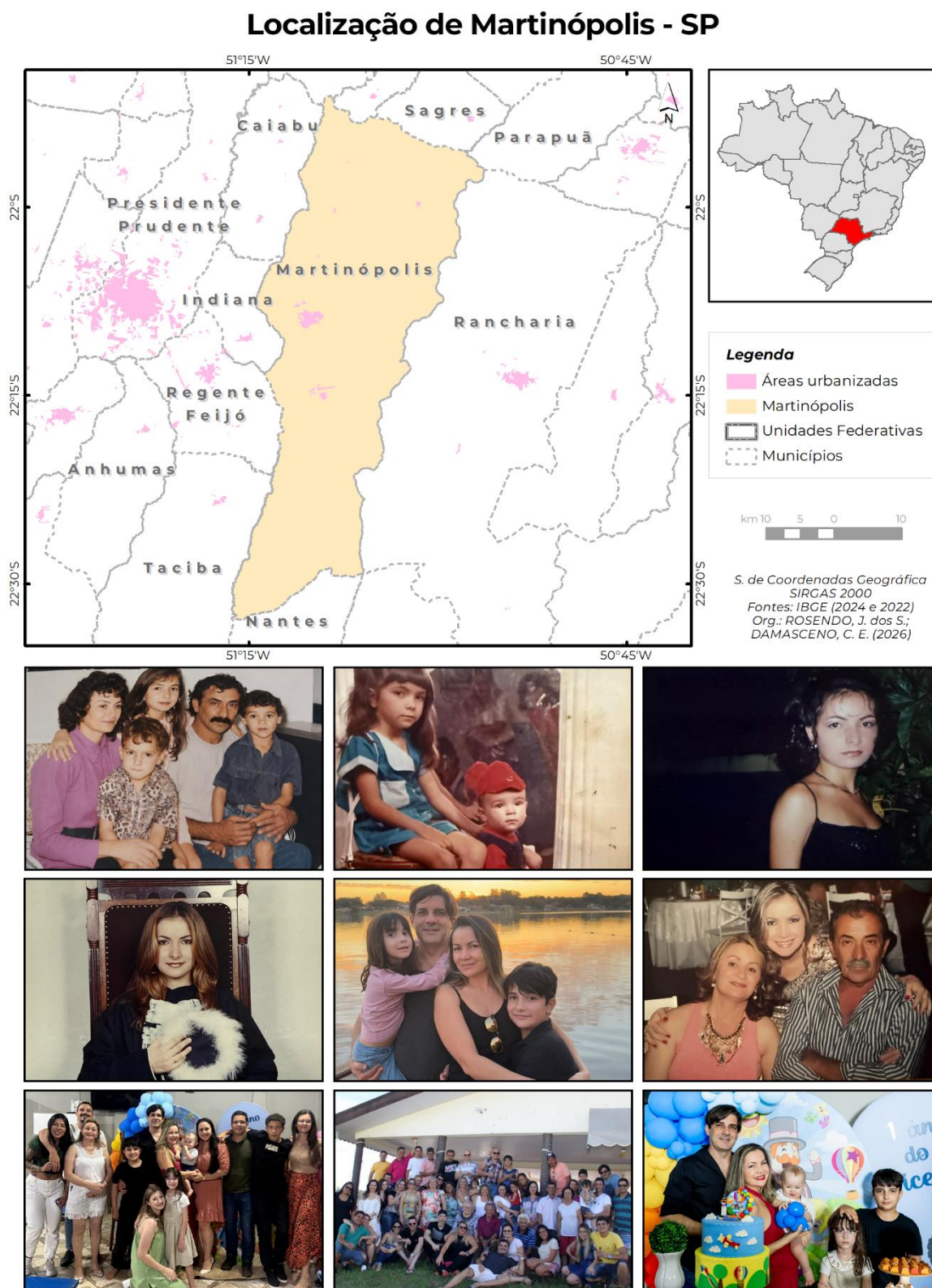
Na infância, dividia meu tempo entre estudar, brincar, cuidar da casa e dos irmãos. Naquela época, era comum que as filhas mais velhas assumissem responsabilidades relacionadas aos afazeres domésticos e aos cuidados com os irmãos mais novos. Recordo-me, por exemplo, da primeira vez em que aprendi a cozinhar, aos nove anos de idade.

Desde criança, questionava o fato de os afazeres domésticos recaírem predominantemente sobre mim, por ser menina. Hoje, com o distanciamento proporcionado pelo tempo e pela formação que adquiri posteriormente, compreendo que essa divisão do trabalho estava relacionada a um contexto social no qual os papéis de homens e mulheres eram fortemente marcados e estereotipados por expectativas de gênero. Essa experiência, vivenciada desde cedo, contribuiu também para um olhar crítico sobre as relações sociais e sobre as desigualdades que atravessam a vida cotidiana.

Por ser a filha mais velha, minhas responsabilidades vinham antes do lazer: primeiro cuidava dos meus irmãos, depois brincava. Meus irmãos nasceram em Martinópolis. Sidiclei, conhecido como Sidi, é cinco anos mais novo que eu, enquanto Bruno, o caçula, é sete anos mais novo.

Minha mãe trabalhava na Santa Casa de Martinópolis em uma escala de 12 por 36 horas. Assim, tínhamos a creche garantida apenas nos dias em que ela trabalhava. Nos demais dias, permanecíamos em casa. Como minha mãe também trabalhava na Prefeitura de Presidente Prudente e meu pai exercia a profissão de pedreiro durante todo o dia, nos dias em que não havia creche eu ficava responsável pelos meus irmãos.

Figura 2 – Mapa de localização de Martinópolis - SP



Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

Costumo brincar com o trocadilho de que fui “ir(mãe)”. Essa condição me colocou em contato com responsabilidades desde muito cedo. Ao mesmo tempo, minha família sempre me incentivou a estudar e ter uma profissão que me permitisse alcançar independência financeira. Assim, embora tivesse responsabilidades domésticas, cresci com a consciência de que os estudos eram uma prioridade e que somente a formação profissional poderia me proporcionar autonomia.

Nossa família nunca passou necessidades materiais, mas conheceu as limitações e os desafios próprios de uma família trabalhadora, cujo passado foi marcada pela migração em busca de melhores condições de vida.

Sempre fui uma criança pacata, estudiosa e muito dedicada. Recordo-me de ministrar, ainda na quinta série, “aulas de reforço” para colegas que apresentavam dificuldades com a conjugação de verbos, em Língua Portuguesa. Esse destaque, entretanto, também trouxe consequências negativas. Durante anos, fui alvo de *bullying*, principalmente em razão do sotaque nordestino carregado e por ser uma das melhores alunas da turma. Embora fosse uma criança relativamente tranquila, aprendi desde cedo a ser boa de briga para me defender. Nem tão boa como sou agora (risos).

Estudei toda a Educação Básica em escolas públicas. Eu havia sido semi-alfabetizada pela minha mãe, portanto ingressei no primeiro ano sem passar pela pré-escola. Tenho boas recordações da Escola Estadual Alberto Santos Dumont, onde cursei da primeira à oitava série do Ensino Fundamental. Posteriormente, fiz o Ensino Médio na Escola Estadual Coronel João Gomes Martins (CENE).

As influências e a escolha pela Geografia

Um dos primeiros contatos que tive com a Geografia ocorreu na escola CENE, com a professora Zaira Botoni de Toledo. Lembro-me de sua presença marcante até hoje. Ela era uma mulher elegante, refinada, que nos apresentou a Geografia de uma forma que eu ainda não havia conhecido. Não precisávamos mais decorar conteúdos; começávamos a compreender suas razões, relações e complexidades. Estudávamos a organização das sociedades capitalistas, os blocos econômicos, os movimentos migratórios, a globalização, a Guerra Fria, entre outros temas.

Eu participava de um grupo de estudos que se reunia no contraturno para discutir e aprender mais sobre questões atuais. Foi também com a professora Zaira que realizei meu

primeiro trabalho de campo, em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1996.

Por alguma razão, a professora Zaira precisou se afastar da escola em 1997. Para substituí-la, a escola contratou a então estudante de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Márcia da Silva (atual Coordenadora Adjunta da Área de Geografia da CAPES). Na época, era uma jovem universitária que entendia muito de Geografia e, ao mesmo tempo, falava a linguagem daqueles adolescentes do 3º B(omba). Ela nos acompanhou durante todo o último ano do Ensino Médio e, inclusive, organizou conosco nossa viagem de despedida. Em vez de uma festa, preferimos conhecer Balneário Camboriú, em Santa Catarina, no final daquele ano.

Ao final do Ensino Médio, eu ainda não tinha clareza sobre a importância da universidade para a formação profissional. Ninguém do meu círculo familiar mais próximo havia concluído o Ensino Superior. Em determinado momento, houve um teste vocacional na escola, e lembro-me de ter apresentado aptidão para Psicologia. Isso fazia sentido para mim, pois sempre fui comunicativa e gostava de ajudar as pessoas.

Quando se aproximava o período de inscrições para o Vestibular da UNESP, um grupo de estudantes do curso de Geografia passou na escola para divulgar as datas de inscrição, tirar dúvidas, entregar um caderno com informações sobre os cursos e seus *campi*, incluindo as relações candidato/vaga, e apresentar o próprio curso de Geografia, além das viagens anuais pelo Brasil, realizadas durante os trabalhos de campo.

Naquele momento, fiquei surpresa ao descobrir que existia uma universidade pública na qual não era necessário pagar mensalidade para estudar. Até então, eu conhecia apenas a possibilidade de cursar o Ensino Superior em instituições particulares, mediante o pagamento de mensalidades.

Quando cheguei em casa, apresentei à minha mãe a possibilidade de estudar “de graça” na UNESP. Conteí a ela que nenhum dos sete cursos então existentes em Presidente Prudente me interessava (eram ofertados apenas os cursos de Geografia, Matemática, Pedagogia, Educação Física, Fisioterapia, Estatística e Engenharia Cartográfica). Expliquei, entretanto, que na UNESP de Assis havia o tão desejado curso de Psicologia.

Minha mãe sempre foi uma mulher muito racional e, obviamente, colocou meus pés no chão. Meus pais não tinham condições financeiras para me sustentar em Assis. Portanto, mesmo que eu fosse aprovada em um dos vestibulares mais concorridos, eu não teria condições de me mudar para outra cidade. Foi então que ela, sabiamente, me orientou:

“Escolha um dos cursos que tem em Presidente Prudente, pois a Prefeitura de Martinópolis custeia o ônibus. Você se forma professora e depois, quando estiver trabalhando, faz o seu curso de Psicologia. Lembre-se de que a profissão de professor é a única que nunca vai acabar.”

Obviamente, não gostei nada da ideia. Tentei convencer meu pai a me deixar ir para Assis. Lembro-me de ouvi-lo tentando convencê-la, mas a palavra final não era a dele. Assim, a contragosto, inscrevi-me no Vestibular para o curso de Geografia da UNESP. Fiz as provas, que me pareceram muito difíceis, e saí com a convicção de que não havia sido aprovada, tamanho o grau de dificuldade que havia percebido no processo seletivo.

Tinha tanta certeza de que não havia sido aprovada que, antes mesmo da divulgação do resultado, inscrevi-me no vestibular da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) para o curso de Direito. Sim, Direito. A decisão foi motivada por um primo que estava cursando e que era motivo de orgulho para a família, pois seria “adevogado” (grafia nossa).

Fui aprovada no vestibular da UNOESTE e efetivei minha matrícula no curso de Direito. Na semana em que as aulas começariam, uma amiga me ligou para me parabenizar, pois havia visto, no jornal impresso, a divulgação da minha aprovação em 9º lugar na classificação geral do curso de Geografia, no período noturno. Ao me perguntar se eu faria a matrícula, informou-me que o prazo terminaria no dia seguinte. Apressei-me em responder que não, pois já estava matriculada no curso de Direito.

Quando contei a notícia à minha mãe, entretanto, ela não permitiu que eu desperdiçasse aquela oportunidade. Apontou-me vários benefícios daquela opção, pois a universidade era pública, eu não precisaria pagar mensalidade, não precisaria trabalhar e poderia me dedicar exclusivamente ao curso. Além disso, depois de quatro anos, poderia conseguir um emprego e, então, realizar o tão sonhado curso de Psicologia.

Foi assim que liguei para a UNESP, busquei a lista de documentos necessários e as informações sobre o local da matrícula e, no último dia, efetivei minha matrícula. Naquele momento, sem que eu pudesse dimensionar o significado daquela decisão, garanti minha vaga no curso que mudaria os rumos da minha vida.

CAPÍTULO II

Cartografando caminhos: a formação acadêmica

A Geografia não foi, inicialmente, uma escolha profissional consciente. Foi assim que, em 1998, aos 17 anos, iniciei o curso de Licenciatura em Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, campus de Presidente Prudente (22° 7' 39"S e 51° 23' 8"W), no período noturno. Naquele momento, imaginava que aprofundaria os conhecimentos de Geografia adquiridos no Ensino Médio. O primeiro semestre, entretanto, foi organizado, predominantemente, em torno de disciplinas de Geografia Humana, o que não era, na época, muito atrativo para mim.

As coisas começaram a mudar quando descobri que, a partir do segundo ano da graduação, poderíamos realizar uma inscrição na Secretaria Estadual de Educação, em Presidente Prudente, para atuar como professores substitutos nas escolas estaduais. Foi o mesmo caminho percorrido pela professora Márcia da Silva. Assim, comecei a ministrar aulas nas escolas nas quais, pouco tempo antes, eu havia sido estudante.

Minhas primeiras experiências ocorreram na Escola Estadual Alberto Santos Dumont e, posteriormente, no CENE. Tive, então, meu primeiro holerite, passei a receber meu próprio dinheiro e comecei a conciliar o trabalho docente durante o dia com a faculdade à noite. Foi uma experiência muito interessante, pois ministrava aulas de Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática e de qualquer outra disciplina para a qual houvesse vaga.

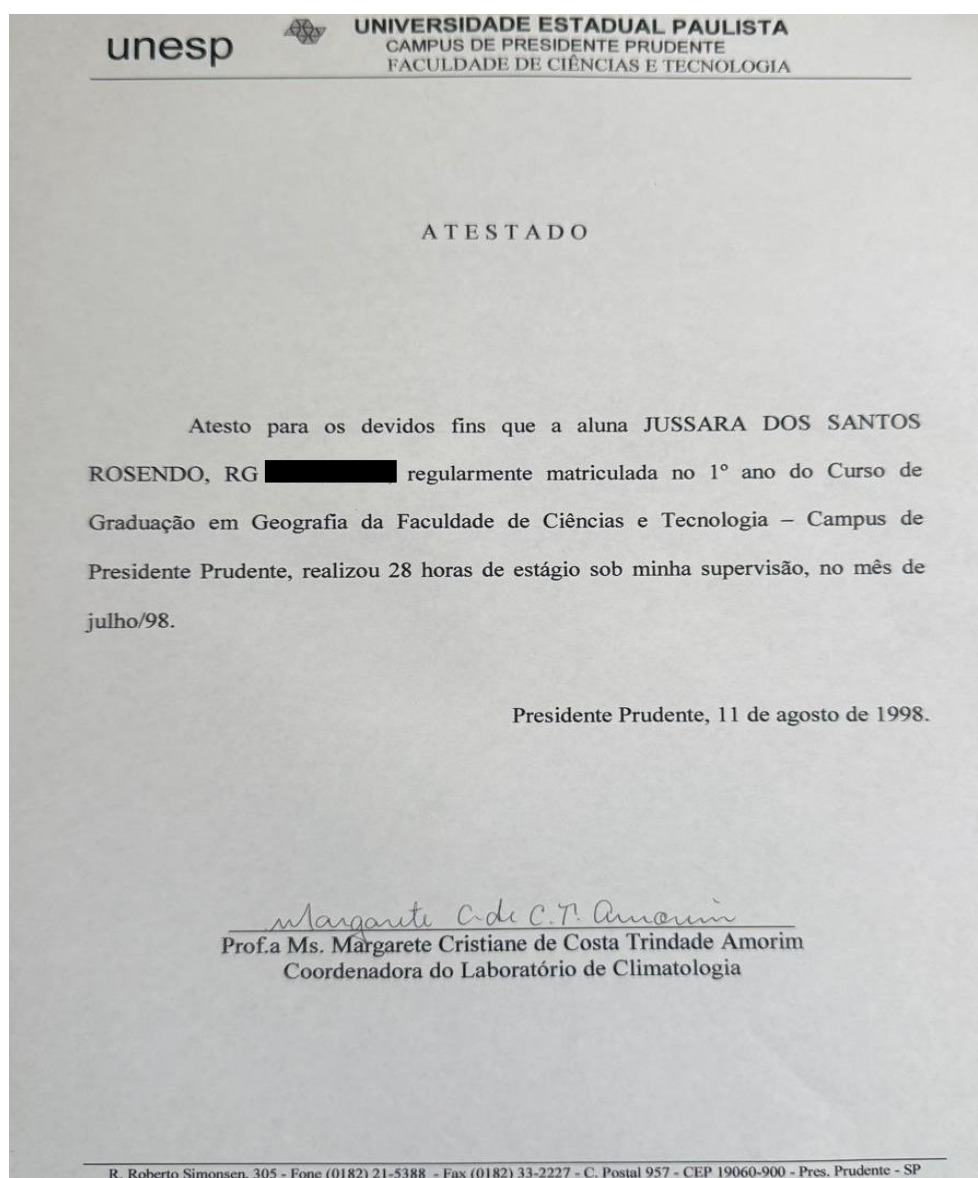
Eu era comunicativa, jovem e, assim como a professora Márcia, conseguia compreender e falar a linguagem dos estudantes. As aulas nunca foram um problema para mim. Ao contrário, eu gostava daquela experiência. Foi nesse momento que, gradativamente, comecei a esquecer a Psicologia.

Como estudante de outra cidade, minha rotina era bastante intensa. Pegava o ônibus às 17:30h, chegava à UNESP praticamente no horário do início das aulas e retornava para Martinópolis às 22:30h, chegando em casa quase à meia-noite, pois o ônibus também fazia o

transporte de estudantes de outras universidades. Essa rotina limitava minha possibilidade de vivenciar outras atividades desempenhadas durante a Graduação, como frequentar laboratórios, participar de projetos ou permanecer no campus para atividades extracurriculares.

A primeira oportunidade de participar de uma atividade de pesquisa ocorreu durante o desenvolvimento da pesquisa de doutorado da professora Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim, quando fui convidada a realizar aferições de temperatura e umidade em um bairro de Presidente Prudente. Essa experiência constituiu meu primeiro contato mais direto com a pesquisa científica e marcou, ainda que eu não soubesse naquele momento, o início de um percurso que posteriormente se tornaria central em minha vida profissional (Figura 3).

Figura 3 – Primeira participação em uma atividade de pesquisa (1998)



Fonte: Rosendo, 2026.

Durante a Licenciatura em Geografia, que cursei entre 1998 e 2001, tive contato com professores que foram fundamentais para minha formação, além da querida Margarete. Naquele momento, eu ainda não tinha conhecimento da relevância que aqueles nomes representavam para a Geografia brasileira.

Ter aulas com Antonio Cezar Leal, Antonio Nivaldo Hespanhol, Antonio Thomaz Junior, Bernardo Mançano Fernandes, Everaldo Santos Melazzo, Encarnita Salas Martin, Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim, Maria Encarnação Beltrão Spósito, Eliseu Savério Spósito, João Lima Sant'Anna Neto, João Osvaldo Rodrigues Nunes, José Tadeu Tommaseli, Rosângela Hespanhol, Neide Barrocá Faccio, Raul Borges Guimarães, Sérgio Braz Magaldi, Ruth Kunzli, Miguel, Francisco Carlos de Francisco, Fatima Aparecida Dias Gomes Marin, Manoel Carlos Franco Toledo de Godoi e Eda Maria Góes, foi uma experiência extremamente enriquecedora. Muito do que me tornei como docente tem relação com os conhecimentos, as experiências e os exemplos desses profissionais.

Na época de minha graduação, cursávamos quatro anos de Licenciatura em Geografia e, para aqueles que tivessem interesse, era possível antecipar algumas disciplinas do Bacharelado. Foi dessa maneira que tive contato com as disciplinas de Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento, em 2000. Finalmente, depois de quase quatro anos de graduação, identifiquei nessas áreas um possível caminho de especialização.

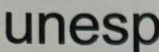
Foi também durante a graduação que tomei conhecimento de que o professor Messias Modesto dos Passos estava selecionando dois bolsistas para desenvolver um projeto de Iniciação Científica sobre os impactos da expansão da BR-163, no trecho entre Cuiabá e Santarém (Figura 4). As duas únicas mulheres participantes do processo seletivo foram minha amiga Luciana Teixeira e eu. Com ela, compartilhei aprendizados, dúvidas e experiências no Laboratório de Geomática, espaço que dividimos durante o último ano da licenciatura, em 2001, e do Bacharelado, em 2002.

Essa experiência foi fundamental porque marcou uma mudança na rota que, até então, eu havia imaginado para minha vida profissional. A Iniciação Científica (IC) foi o primeiro passo de uma aproximação definitiva com a pesquisa, as geotecnologias e à docência universitária.

Foi também a IC que possibilitou minha participação no Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), realizado em Goiânia, no ano 2000. Esse foi o primeiro evento do qual participei como congressista. A partir daí, outras oportunidades surgiram, inclusive com a apresentação de trabalho na primeira vez que participei do Encontro Nacional de Geógrafos, que ocorreu em João Pessoa, em 2001, (Figura 5). Essas experiências foram ampliando não

apenas minha formação acadêmica, mas também minha compreensão sobre o que significava ser pesquisadora e fazer parte de uma comunidade científica.

Figura 4 – Declaração do Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos (2022)

 **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
Curso de Pós-Graduação

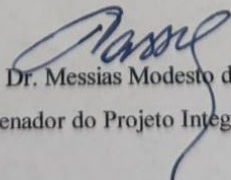
Presidente Prudente, 24 de outubro de 2002

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que JUSSARA DOS SANTOS ROSENDO, RG nº [REDACTED] CPF nº [REDACTED] aluna do 4º ano do Curso de Geografia da UNESP, Campus de Presidente Prudente, participa, na qualidade de BOLSISTA EM INICIAÇÃO CIENTÍFICA, do Projeto Integrado de Pesquisa (processo nº 520488/96-2): “*Estudo dos impactos socioambientais na faixa da BR-163. De Cuiabá/MT a Santarém/PA*”, apoiado pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A título de maior precisão, explico que a Jussara está concluindo a monografia de bacharelado: “A (in)sustentabilidade da exploração madeireira no município de Vera/MT”, de maneira bastante satisfatória e motivada, revelando aptidão à pesquisa científica.

Sem mais,


Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos
- Coordenador do Projeto Integrado/CNPq -

R.Roberto Simonsen, 305 -Fone (018) 2215388 - FAX (018) 2232227-C.P. 957 -CEP 19060-900 - P. Prudente-SP

Fonte: Rosendo, 2026.

Figura 5 – Primeira apresentação de trabalho no XIII Encontro Nacional de Geógrafos (2001), em João Pessoa, Paraíba



Fonte: Rosendo, 2026.

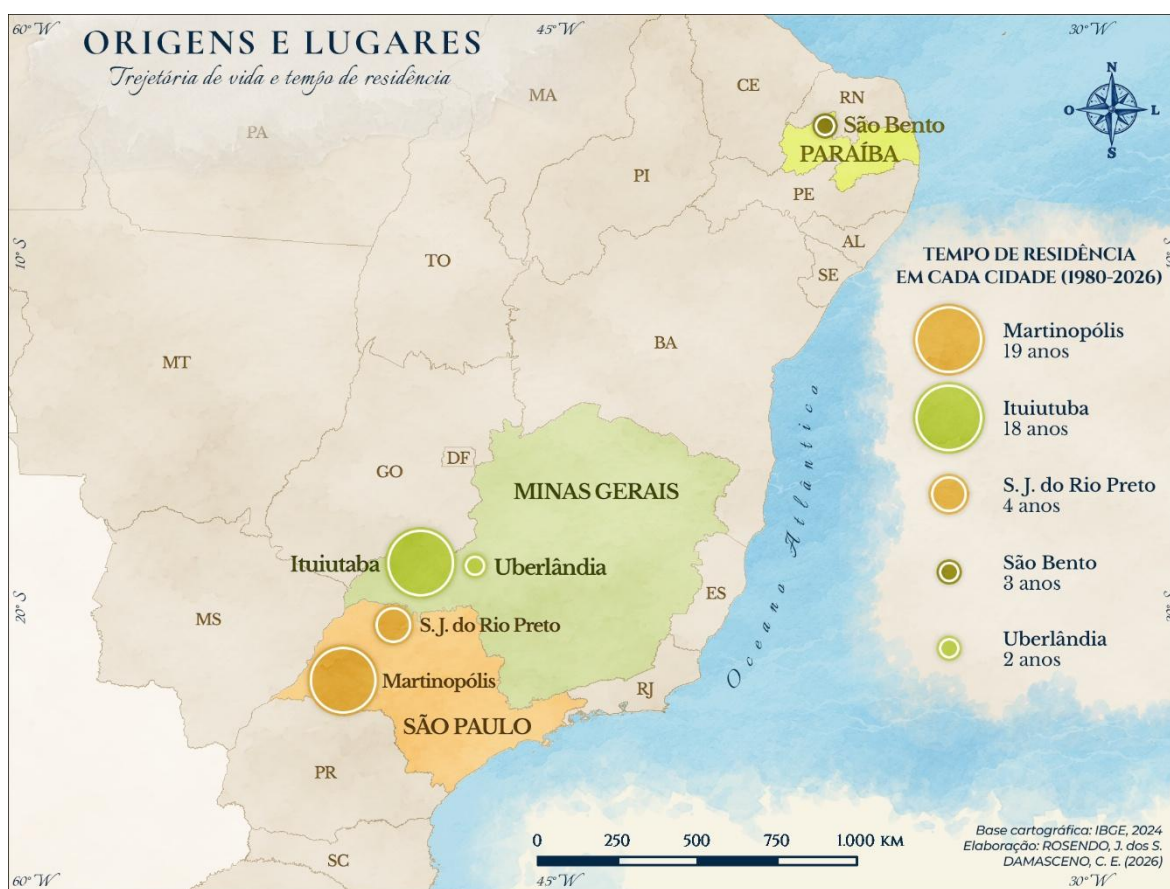
Em 2002, por uma diferença de apenas 0,20 ponto, não consegui aprovação no processo seletivo para ingresso no Mestrado em Geografia da UNESP. Foi então que decidi me inscrever no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Geografia, no Instituto de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEP/IG/UFU). Tratava-se de um programa relativamente novo, criado em 1998, que apresentava uma política interessante para estudantes provenientes de outros estados.

Fui aprovada em 13º lugar no processo seletivo para o ingresso no Mestrado em Geografia da UFU, mas o Programa disponibilizava apenas 12 bolsas, portanto não fui contemplada. Iniciava-se, então, uma nova etapa, marcada pela busca de um emprego que possibilitasse minha permanência na cidade de Uberlândia.

Durante o mês de janeiro de 2004, ministrei aulas na rede estadual de ensino de São Paulo e guardei os recursos obtidos para custear minha mudança para Uberlândia. Lembro-me até hoje de organizar os textos, as inúmeras fotocópias, o computador e as roupas, encaixotar os pertences e embarcar no ônibus rumo a uma cidade que, até então, era pouco conhecida para mim. Minhas amigas me ajudaram a levar meus pertences até a rodoviária.

E foi assim que, depois de 19 anos residindo em Martinópolis, dei o primeiro passo para uma nova etapa de descobertas, que envolveria a residência em outros lugares, novas e inesperadas experiências profissionais e vínculos afetivos duradouros. Comecei com a mudança para Uberlândia, para fazer o Mestrado; depois me desloquei para São José do Rio Preto, para ministrar aulas no Ensino Fundamental e Médio; e, depois, finquei raízes em Ituiutaba, onde me tornei docente efetiva da UFU e constituí família (Figura 6). A seguir, detalho um pouco desse percurso, que me enche de alegria poder compartilhar neste relato.

Figura 6 – Tempo de residência em diferentes cidades e estados



Fonte: Rosendo e Damasceno, 2026.

Ao chegar a Uberlândia (18° 55' 08" S, 48° 16' 37" W), em 2003, fiquei inicialmente em um pensionato com outros colegas que também haviam sido aprovados no Mestrado da UFU (Marcos Silvestre e Lucilene Dias), até que conseguíssemos alugar uma casa e nos mudássemos. Naquela época, fomos os primeiros ex-alunos da UNESP que se matricularam no IG/UFU. Mas a vida em outra cidade foi mais difícil do que havia planejado. O dinheiro que havia economizado, entretanto, acabou em aproximadamente um mês.

Foi então que distribuí meu currículo em uma escola particular. Após ministrar uma aula-teste, fui contratada. Resolvi, assim, o problema financeiro que tanto me preocupava. Foi um grande alívio para mim e para minha família, que não compreendia totalmente, naquele momento, por que eu havia decidido me deslocar para Minas Gerais para estudar sem ter uma bolsa de pesquisa ou uma garantia de emprego.

No Mestrado, a minha indicação de orientação foi o Prof. Dr. Jorge Brito; no entanto, acabei sendo orientada pelo professor Dr. Roberto Rosa. Mais do que um orientador, encontrei nele uma pessoa aberta ao diálogo e preocupada com a formação de seus orientandos. Grande parte do que me tornei como docente também devo ao seu exemplo como orientador e profissional, sempre comprometido em preparar seus alunos não apenas para a conclusão de uma etapa acadêmica, mas para a vida profissional.

Certo dia, ele me informou que havia uma vaga para professor substituto na UFU e sugeriu que eu participasse do processo seletivo. Segundo ele, aquela oportunidade seria financeiramente mais vantajosa do que as aulas na escola particular e, ao mesmo tempo, contribuiria para minha experiência e para o enriquecimento do meu currículo acadêmico.

Prestei o processo seletivo e fui aprovada para uma das duas vagas. Aos 22 anos, tornei-me professora substituta da UFU. Era algo que, até pouco tempo antes, parecia completamente impensável para mim. Guardo até hoje a lembrança do primeiro contracheque (Figura 7).

Figura 7 – O primeiro contracheque da UFU, como professora substituta (2003)

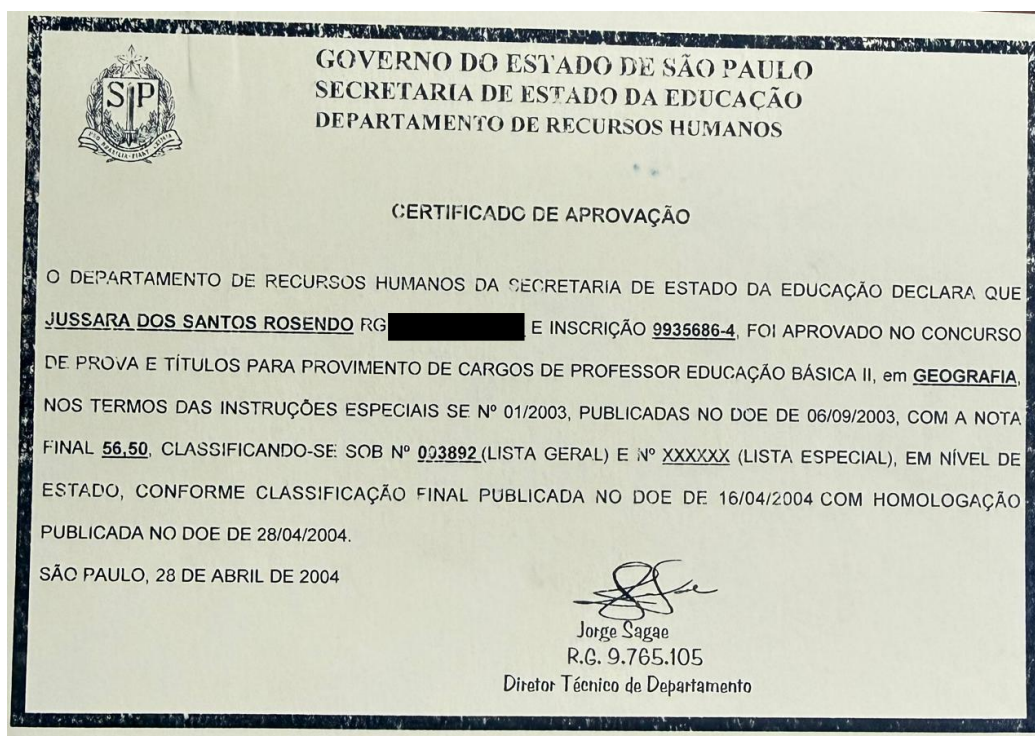
 BRASIL GOVERNO FEDERAL			
Não deixe seus dados cadastrais desatualizados. Para facilitar a implantação do novo Sistema de Gestão de Recursos Humanos, atualize-os!			
COMPROVANTE DE RENDIMENTOS DO SERVIDOR FUNDAÇÃO UNIV. FEDERAL DE UBERLÂNDIA			
	UF MG	SIGLA DA UPAG DIRAP	UNIDADE DE EXERCÍCIO/LOCALIZAÇÃO INSTITUTO DE GEOGRAFIA
NOME DO SERVIDOR JUSSARA DOS SANTOS ROSENDO			MATRÍCULA SIAPE 1413458
BANCO ***	AGÊNCIA BANCÁRIA ***-**-**	CONTA CORRENTE *****-**	
REG. JUR. ***	SITUAÇÃO DO SERVIDOR CONTRATO TEMPORARIO	MATRÍCULA DE ORIGEM 01190177	IDENTIFICAÇÃO ÚNICA 014134586
ENDEREÇO DO SERVIDOR RUA JOÃO JOSÉ DA SILVA 000100 CASA PROGRESSO UBERLÂNDIA MG 38408-116		NÚMERO DO PIS/PASEP 01190177	MÊS/ANO DE PAGAMENTO JUN 2003

Fonte: Rosendo, 2026.

Em meio às dúvidas sobre ter tomado ou não a decisão correta ao mudar de estado, sem garantia de bolsa ou emprego, foi naquele momento que tive a certeza de que aquela mudança de rota havia sido uma decisão acertada. O caminho que eu havia iniciado quase por acaso começava, enfim, a assumir novos contornos.

Em 2004, uma nova mudança ocorreu. Após ter sido aprovada no processo seletivo (Figura 8) para vaga de Professora da Educação Básica (PEB II), tomei posse como efetiva da rede estadual de ensino de São Paulo, no município de Jacareí, em abril de 2004. Todavia, em razão de uma alteração administrativa promovida pelo Governo do Estado de São Paulo, não cheguei a atuar naquele município, permanecendo, entre 2005 e 2008, na cidade de São José do Rio Preto (20° 49' 12" S e 49° 22' 44"W).

Figura 8 – Certificado de aprovação em concurso público no estado de São Paulo



Fonte: Rosendo, 2026.

Em 2005, defendi o Mestrado intitulado *Índices de Vegetação e Monitoramento do Uso do Solo e Cobertura Vegetal na Bacia do Rio Araguari-MG – Utilizando Dados do Sensor MODIS*. Posteriormente, em 2006, ingressei no Doutorado na mesma instituição.

Também em 2006, fui aprovada em segundo lugar para a vaga de Geotecnologias no concurso para a Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), campus avançado da UFU, em Ituiutaba-MG, cujas atividades tiveram início em 2007.

Entrei em exercício em 1º de março de 2008. Para assumir o cargo, exonerei-me do vínculo docente com o Governo do Estado de São Paulo e passei a ocupar uma das vagas na área de Geotecnologias. A partir de então, comecei a ministrar disciplinas de Sensoriamento Remoto, Cartografia e Geoprocessamento, além de colaborar com disciplinas relacionadas à área de Ensino e à Geografia Física.

Aquele momento representou uma nova inflexão nesse percurso. A estudante que havia ingressado na Geografia sem uma escolha profissional consciente, que inicialmente pretendia cursar Psicologia e que chegou a considerar o Direito, encontrava-se agora diante do fortalecimento de uma carreira docente universitária, justamente em uma área que havia descoberto quase ao final da graduação e que, pouco a pouco, se transformara em um dos eixos centrais de sua formação acadêmica.

CAPÍTULO III

O trabalho de campo como espaço de formação geográfica

Quis dedicar um item específico aos trabalhos de campo de que participei e/ou que coordenei durante toda minha atuação na Geografia, iniciada em 1998. Os trabalhos de campo realizados ao longo da graduação tornaram-se experiências indispensáveis à minha formação e à produção do conhecimento geográfico. Essa abordagem teórico-metodológica, tão presente na formação do geógrafo e da geógrafa, permitiu articular teoria e prática e compreender, no próprio espaço, fenômenos que até então eram discutidos em sala de aula.

Em uma época em que a internet ainda era discada e não tínhamos telefones celulares ou redes sociais, conhecer diferentes lugares, paisagens e realidades sociais representava uma experiência particularmente significativa. Essas viagens contribuíram para ampliar minha compreensão sobre a diversidade do território brasileiro e, sobretudo, para perceber a importância do trabalho de campo como instrumento de investigação e de formação geográfica.

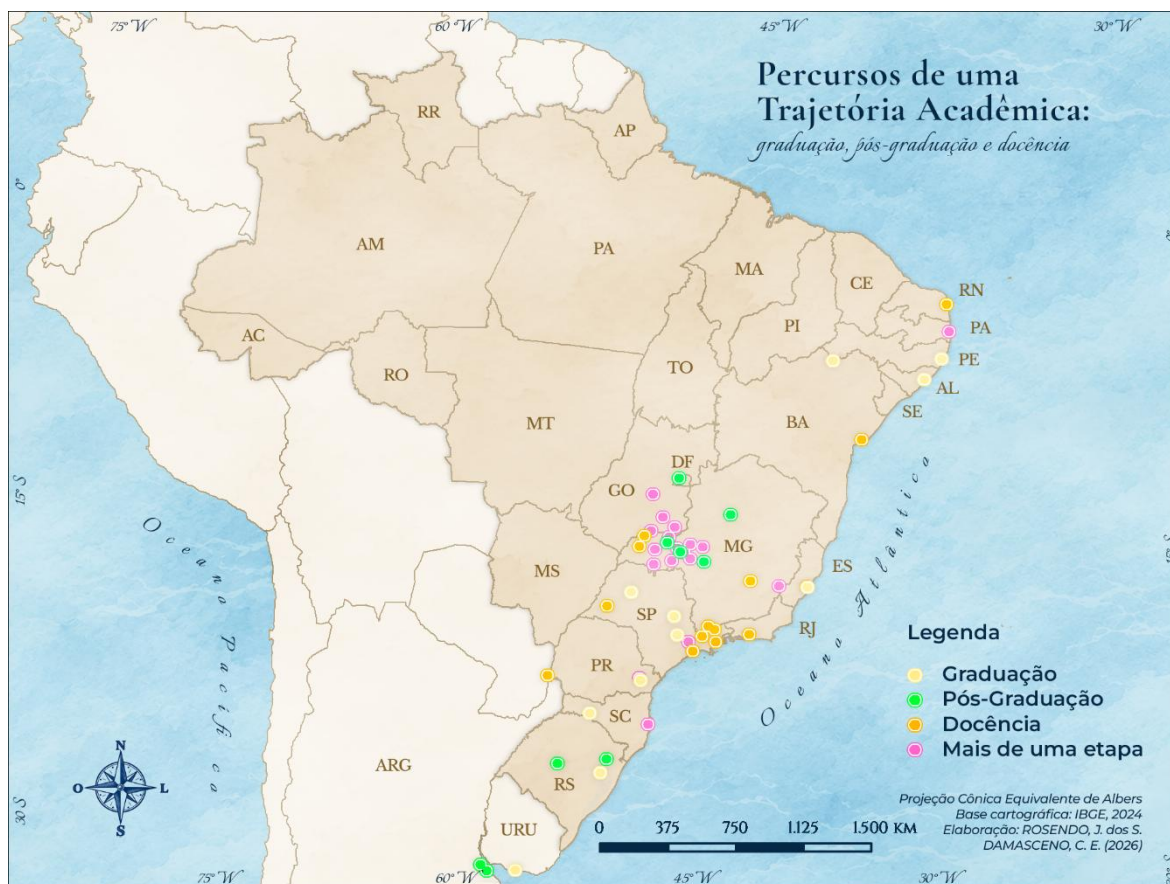
Para além dos trabalhos de campo vinculados a disciplinas específicas, os deslocamentos para participar de eventos e congressos também foram importantes momentos de aprendizagem e produção de conhecimento ao longo desse percurso acadêmico-científico.

Portanto, destaco que os territórios e as paisagens que conheci ao longo da formação acadêmica e, posteriormente, como docente, constituem uma espécie de cartografia das experiências que contribuíram para formar meu olhar geográfico.

Para mim, viajar nunca significou apenas deslocar-me de um lugar para outro. Na condição de estudante, pesquisadora e professora, cada viagem representou uma oportunidade de observar, comparar, questionar e compreender as diferentes formas pelas quais a sociedade produz e transforma o espaço, conforme pode ser observado na Figura 9.

Os pontos destacados no mapa representam todos os lugares visitados em diferentes etapas da vida acadêmica e profissional. Alguns deles foram (re)visitados em momentos distintos: primeiro, durante a graduação; depois, como professora, ao levar meus alunos.

Figura 9 – Lugares visitados durante a Graduação, Pós-graduação e Docência



Autores: Rosendo e Damasceno, 2026.

Durante a graduação, entre 1998 e 2002, os trabalhos de campo tiveram um papel importante na constituição da minha identidade como geógrafa. Nesse período, percorri diferentes municípios dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, tais como Curitiba, Concórdia, Florianópolis, São Paulo, Rio Claro, Penápolis, Itu e uma experiência internacional em Montevidéu, no Uruguai (Figura 9).

O trabalho de campo, naquele momento, permitia-me confrontar os conhecimentos discutidos nas disciplinas com a realidade concreta. A paisagem deixava de ser apenas uma representação cartográfica ou uma fotografia apresentada em sala de aula e passava a ser observada em sua dinâmica, em suas contradições e em seus múltiplos aspectos. O contato direto com os lugares possibilitava perceber aquilo que muitas vezes não aparece nos mapas e compreender as relações entre sociedade e natureza, as diferentes formas de ocupação do território, as desigualdades, as transformações ambientais e as particularidades de cada lugar.

Ao mesmo tempo, as viagens para participação em eventos acadêmicos ampliaram essa experiência. Cidades como Goiânia, Petrolina, João Pessoa, Maceió, Porto de Galinhas e Porto Alegre, ainda durante minha graduação, representam momentos em que o deslocamento pelo território esteve associado à circulação do conhecimento. Participar de eventos significava conhecer outros espaços universitários, encontrar pesquisadores, ouvir diferentes perspectivas e perceber que a formação geográfica também se constrói por meio do diálogo e da troca de experiências (Figura 9).

Essa experiência ganhou novas proporções durante o Mestrado e o Doutorado, entre 2003 e 2010. As viagens passaram a estar cada vez mais diretamente relacionadas à pesquisa e à construção do conhecimento científico. Municípios como Campos Altos, Santa Juliana, Araguari, Araxá, Perdizes, Patrocínio, Nova Ponte, Prata, Frutal, Uberaba e Carmo do Paranaíba constituíram espaços de investigação e observação. O território, então, deixou de ser apenas objeto de conhecimento para tornar-se também espaço de produção do conhecimento, sendo revisitado em mais de uma etapa de minha vida acadêmica (Figura 9).

Se, durante a graduação, eu aprendia a olhar geograficamente para os lugares, durante a pós-graduação fui aprendendo a investigar o território de maneira sistemática, formular perguntas, estabelecer relações entre diferentes fenômenos e compreender que o trabalho de campo exige muito mais do que observar. Exige planejamento, método, registro, interpretação e capacidade de relacionar aquilo que encontramos empiricamente às questões teóricas que orientam a pesquisa.

As experiências de campo foram acompanhadas pela participação em eventos científicos em diferentes regiões do Brasil e em outros países. Buenos Aires e La Plata, na Argentina, assim como Montevideu, no Uruguai, ampliaram minhas experiências para além das fronteiras nacionais. No Brasil, cidades como Pirapora, Uberlândia, Gramado, Santa Maria, Goiânia, Florianópolis e Alto Caparaó fizeram parte desse processo de circulação acadêmica. Essas experiências foram fundamentais para compreender a ciência como uma atividade coletiva, balizada a partir do encontro entre pessoas, instituições, experiências e diferentes formas de interpretar o mundo.

Com a entrada na docência, em 2008, o significado das viagens e dos trabalhos de campo foi novamente transformado. Passei a vivenciar o território não apenas como pesquisadora, mas também como professora responsável pela formação de novos geógrafos. Essa mudança trouxe uma nova reflexão para minha relação com o campo ao relacionar aquilo

que havia sido fundamental para minha própria formação passou a constituir também uma estratégia pedagógica.

A ida ao campo cria situações em que o estudante precisa mobilizar conhecimentos, fazer perguntas, identificar fenômenos, estabelecer relações e interpretar aquilo que encontra. É uma experiência que aproxima teoria e prática e que permite compreender que o espaço geográfico não é algo estático ou distante, mas uma realidade dinâmica, vivenciada cotidianamente.

Nesse período, os trabalhos de campo percorreram diferentes regiões e paisagens. Rio de Janeiro, Presidente Prudente, São José dos Campos, Vitória, Ouro Preto, Alto Caparaó, Capinópolis, São Paulo, Aparecida e Ubatuba são alguns dos lugares que passaram a integrar minha experiência docente. Cada saída de campo representava, para mim, uma oportunidade de ensinar Geografia a partir do contato direto com o território.

Ao longo dos anos, entretanto, percebi que o campo não deveria estar restrito às atividades de ensino. Ele também se consolidou como parte fundamental das minhas atividades de pesquisa. A partir de 2012, vários municípios que haviam feito parte de minha experiência durante o mestrado e o doutorado voltaram a aparecer como espaços de investigação: Araguari, Araxá, Perdizes, Patrocínio, Nova Ponte, Prata, Frutal, Uberaba e Carmo do Paranaíba.

Esse reencontro com esses lugares possui, para mim, um significado especial. O território que eu havia conhecido como estudante passou a ser revisitado com o olhar de pesquisadora e docente. O mesmo lugar nunca é exatamente o mesmo quando o observamos em diferentes momentos da vida acadêmica. Mudam as paisagens, mudam os problemas, mudam as perguntas e, sobretudo, muda o próprio pesquisador.

Essa continuidade demonstra que minha relação com o trabalho de campo não se constituiu em experiências isoladas. Ao contrário, foi sendo fortalecida ao longo do tempo, acompanhando minhas mudanças de posição na universidade e meu amadurecimento acadêmico. O campo esteve presente na graduação, na pós-graduação, na pesquisa, na docência, na orientação e na formação de estudantes.

A Figura 9, apresentada anteriormente, representa também as viagens para eventos científicos, que continuaram sendo desempenhadas na condição de docente. Curitiba, João Pessoa, Natal, Santos, Florianópolis, São Paulo e Salvador, entre outras cidades, representam momentos de participação na comunidade científica e de circulação de ideias. Assim, os deslocamentos passaram a cumprir simultaneamente diferentes funções ao formar, pesquisar, ensinar, divulgar resultados, estabelecer contatos e construir redes acadêmicas.

Mais recentemente, a participação em atividades vinculadas ao Programa de Educação Tutorial (PET), com trabalhos de campo em Catalão e Caldas Novas, demonstra a permanência dessa metodologia. Depois de tantos anos, continuo reconhecendo no campo uma metodologia essencial à formação geográfica. O fato de continuar realizando essas atividades com estudantes revela também uma permanência que considero significativa: aquilo que um dia contribuiu para formar meu olhar como estudante continua sendo utilizado por mim como instrumento para contribuir com a formação de outros estudantes.

Olhar para essa caminhada hoje me permite compreender que minha formação acadêmica também se deu através do movimento. Foram muitos quilômetros percorridos, diferentes paisagens observadas, inúmeras cidades conhecidas, pesquisas realizadas, eventos frequentados, estudantes acompanhados e experiências compartilhadas. Cada deslocamento acrescentou alguma coisa ao meu modo de compreender a Geografia.

Por isso, quando penso no trabalho de campo, não o vejo apenas como uma técnica ou uma atividade complementar às aulas e à pesquisa. Ele é, para mim, uma forma de produzir conhecimento, de ensinar, de aprender e de estabelecer vínculos com o território. O campo coloca o geógrafo diante da realidade e o desafia a interpretar aquilo que vê, a reconhecer aquilo que não conhecia e a questionar aquilo que imaginava conhecer.

Talvez seja essa uma das maiores contribuições do trabalho de campo para a minha formação: ensinar-me que a Geografia não está apenas nos mapas que produzimos, nos livros que lemos ou nos conceitos que discutimos. Ela está nos lugares, nas paisagens, nas pessoas e nas relações com o território. E foi caminhando por esses lugares que, pouco a pouco, também fui conquistando o meu próprio lugar na Geografia.

CAPÍTULO IV

O campus Pontal como lugar em consolidação

Desde a minha posse no curso de Geografia da UFU, Campus Pontal, mudei-me para Ituiutaba, onde resido. Afinal, além de um emprego, eu estava realizando um sonho. Por isso, finquei raízes na cidade que passaria a ser a minha morada, o local onde faria amigos, constituiria uma família e ajudaria no desenvolvimento deste campus avançado.

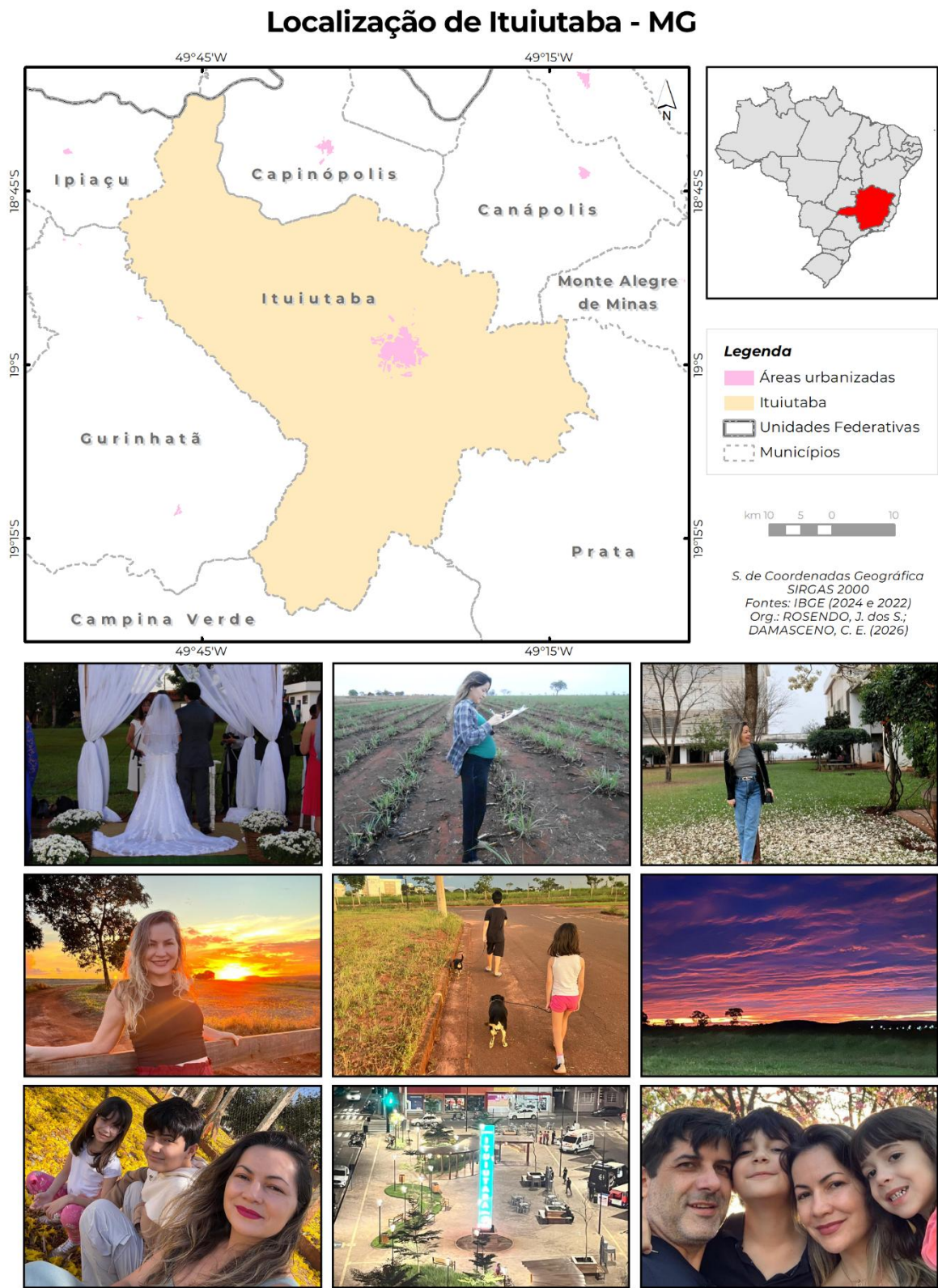
Ingressar na universidade em um campus que ainda estava em processo de implantação significou, desde o início, participar de uma vivência institucional marcada por desafios, mas também por muitas possibilidades de aprendizado. Diferentemente de uma estrutura universitária já “pronta”, o Campus Pontal precisou ser construído gradativamente, tanto no aspecto físico quanto nos âmbitos acadêmico, administrativo e institucional.

Nos primeiros anos, não dispúnhamos de instalações próprias para o funcionamento das atividades universitárias. Os ambientes eram compartilhados e grande parte do trabalho administrativo era realizado em um local cedido pela Prefeitura Municipal de Ituiutaba, na Avenida João Dib.

Foi nesse ambiente coletivo que conheci o Prof. Dr. André Bogado, do curso de Química. As trocas de olhares durante o cafezinho resultaram em um matrimônio, celebrado em 2014 com amigos e familiares, e foi aqui que edifiquei meu lar. Meus filhos, Lucas e Beatriz, embora tenham nascido em Uberlândia, também fazem parte desse pertencimento a Ituiutaba. Com o passar dos anos, minha relação com a cidade deixou de se restringir ao trabalho e à instituição e passou a ser feita também de afeto, de compromisso pessoal e de vida.

A cidade de que eu nunca tinha ouvido falar antes de prestar o concurso situa-se no Pontal do Triângulo Mineiro, nas coordenadas 18°58'08"S e 49°27'54"W, e faz divisa com os municípios de Campina Verde, Prata, Monte Alegre de Minas, Canápolis, Capinópolis e Ipiacu (Figura 10).

Figura 10 – Mapa de localização de Ituiutaba - MG



Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

As aulas, por sua vez, eram ministradas em salas alugadas junto à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Essa realidade fazia parte do cotidiano de professores, técnicos e estudantes e revelava, de forma bastante concreta, que estávamos ajudando a construir uma universidade em um território onde ela ainda buscava se firmar.

Nesse contexto, participar da vida acadêmica significava, em certa medida, criar condições para que o Campus Pontal se tornasse, efetivamente, um espaço universitário, ampliando a atuação para além das atividades de ensino e pesquisa, envolvendo progressivamente diversas funções da vida institucional.

No curso de Geografia, participei ativamente desse movimento, compreendendo que a qualidade e a permanência de um curso dependem não apenas da atuação individual de seus docentes, mas da capacidade coletiva de elaborar projetos, estabelecer normas, organizar fluxos de trabalho e refletir continuamente sobre seus rumos.

Uma das vivências que considero particularmente significativas foi minha participação no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Geografia, espaço em que pude colaborar na reflexão e na reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Essa atuação foi importante não apenas pela colaboração direta na organização acadêmica da graduação, mas também porque me permitiu entender, de maneira mais aprofundada, os processos de planejamento, avaliação e regulamentação que sustentam a formação universitária.

Minha participação na gestão acadêmica também cresceu quando assumi a função de coordenadora da Área de Ciências Humanas da então Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP). Naquele momento, a atuação na gestão representou uma oportunidade de conhecer mais profundamente os trâmites acadêmicos e administrativos da Universidade, bem como os processos relacionados à criação, organização e institucionalização de cursos e programas. Foi uma vivência que me permitiu compreender a Universidade para além dos limites do meu próprio curso, enriquecendo minha percepção sobre sua estrutura, seus desafios e, sobretudo, sobre a importância do planejamento institucional para um campus em expansão.

Coordenar a proposta de criação de um programa de mestrado significou, nesse sentido, assumir o desafio de iniciar praticamente do zero uma nova estrutura acadêmica. Foi necessário organizar a proposta, discutir sua concepção, estruturar suas bases acadêmicas e participar da elaboração do arcabouço normativo e legislativo. Esse trabalho contou, evidentemente, com a colaboração decisiva dos docentes que integravam o Colegiado e de diversos setores da Universidade. Mesmo com esse apoio, a coordenação me colocou diante de uma responsabilidade que considero marcante ao contribuir para que o Campus Pontal passasse

a oferecer não apenas a formação em nível de graduação, mas também um espaço institucional para a produção de conhecimento e a formação de pesquisadores.

A criação do PPGEP representou, portanto, mais do que a implantação de um novo curso. Significou um novo estágio de maturidade acadêmico-científica do Campus Pontal, ampliando suas possibilidades de produção científica, formação de recursos humanos e inserção regional. Participar dessa construção me permitiu perceber, de maneira muito concreta, que a Universidade se constrói por muitas mãos e em tempos distintos: primeiro, criando as condições para a existência dos cursos; depois, fortalecendo sua estrutura; e, por fim, oferecendo oportunidades de formação e pesquisa.

Paralelamente às atividades de gestão e organização institucional, também procurei colaborar para a visibilidade científica e acadêmica do curso de Geografia e do Campus Pontal. Entre essas iniciativas, destaco a organização da 10ª edição do Encontro de Geografia do Pontal (GEOPONTAL), evento que possibilitou reunir especialistas e profissionais de destaque para discutir temas relacionados às Geotecnologias. A realização de eventos dessa natureza teve um papel importante na aproximação entre estudantes, pesquisadores e instituições diversas, fortalecendo as redes acadêmicas e projetando o curso além do âmbito local.

Minha participação institucional também se deu pela atuação em Conselhos da Unidade, Colegiados e diversas comissões, entre elas as voltadas à divulgação do curso, à concessão e ao acompanhamento de bolsas, à avaliação e ao planejamento. Embora muitas dessas atividades possam parecer, quando observadas isoladamente, parte da rotina administrativa de uma universidade, considero que elas possuem um significado mais amplo. É nesses espaços que se discutem os rumos da instituição, que se constroem decisões coletivas e que se materializam projetos com impacto direto na formação dos estudantes que ocuparão o mercado de trabalho.

Desde 2008, atuei em diversas comissões, nas quais exerci funções de liderança e articulação institucional. Em muitas dessas comissões, não se tratava apenas de estar presente ou de emitir uma opinião, mas de contribuir para a organização dos trabalhos, estabelecer encaminhamentos, mediar perspectivas distintas e transformar demandas coletivas em ações concretas. Essa vivência foi particularmente importante em um campus em fase de instalação, no qual muitas das decisões precisavam ser pensadas coletivamente e, frequentemente, diante de situações novas, para as quais ainda não havia procedimentos plenamente estabelecidos.

Compreendo, portanto, a liderança exercida nesses espaços como uma responsabilidade institucional. Coordenar ou participar ativamente de uma comissão exige

capacidade de diálogo, organização, conhecimento dos processos acadêmicos e administrativos e, sobretudo, disposição para alcançar consensos. Com o tempo, esse exercício me permitiu desenvolver uma visão cada vez mais ampla da Universidade, percebendo que o desenvolvimento de um curso ou de uma unidade acadêmica depende da articulação entre diversos sujeitos, setores e instâncias institucionais. Aprendi, nesse percurso, que liderar na Universidade não significa simplesmente conduzir pessoas, mas criar condições para que projetos coletivos possam avançar.

Dessa forma, vejo uma continuidade entre essas vivências, pois a participação em diversos espaços de decisão foi gradualmente formando habilidades em liderança acadêmica, sempre vinculada ao compromisso com o fortalecimento do curso de Geografia, do Campus Pontal e da própria Universidade.

Ao olhar retrospectivamente para esse período, percebo que diversas frentes de trabalho no Campus Pontal não ocorreu por meio de uma única ação ou de uma função específica. Ela foi se constituindo pela soma de vivências variadas: na sala de aula, nos colegiados, no NDE, na gestão, nas comissões, na organização de eventos, na criação da pós-graduação, na editoração científica e na avaliação da produção acadêmica.

Se, no início, compartilhávamos espaços físicos e utilizávamos estruturas provisórias para que as atividades universitárias pudessem acontecer, ao longo dos anos fomos conquistando algo muito maior: uma comunidade acadêmica, cursos, projetos, pesquisas, eventos, periódicos e uma pós-graduação que passaram a dar identidade e densidade ao Campus Pontal.

Por isso, entendo que o desenvolvimento do Campus Pontal se confunde, em muitos aspectos, com uma parcela significativa da minha história na UFU. Não apenas testemunhei esse processo: participei dele. Considero importante registrar neste memorial que participação institucional não pode ser entendida apenas pelos cargos ou funções que ocupei, mas pela contribuição que procurei oferecer, em cada uma dessas frentes, a uma universidade pública, a um curso de Geografia e a um Campus Pontal cada vez mais fortes, autônomos e academicamente reconhecidos.

CAPÍTULO V

A docência e a participação em diferentes trajetórias

Meu ingresso na UFU, esteve diretamente relacionado à área de Geotecnologias. Essa formação e esse percurso profissional definiram, em grande medida, as especificidades no ensino, especialmente nas disciplinas de Sensoriamento Remoto, Geoprocessamento e Cartografia, áreas que passaram a constituir um dos eixos permanentes da minha prática docente. Ao longo dos anos, porém, minha vivência em sala de aula foi se ampliando, acompanhando também as necessidades do curso e as diversas possibilidades de colaborar com a formação dos estudantes.

Assim, além das disciplinas diretamente ligadas às Geotecnologias, lecionei componentes relacionados à Geografia Física, como Gestão Ambiental I e II, e disciplinas voltadas à formação pedagógica e ao ensino de Geografia, como Projeto Interdisciplinar de Práticas Educativas e Elaboração de Material Didático, dada a experiência anterior como docente do Ensino Fundamental e Médio.

Essa diversidade de componentes foi importante porque me permitiu entender a docência para além da transmissão de conteúdos específicos. Ensinar Geografia, para mim, sempre esteve ligado à possibilidade de formar profissionais capazes de compreender o espaço, interpretar diversas linguagens e informações e, sobretudo, mobilizar o conhecimento geográfico para enfrentar questões concretas da sociedade.

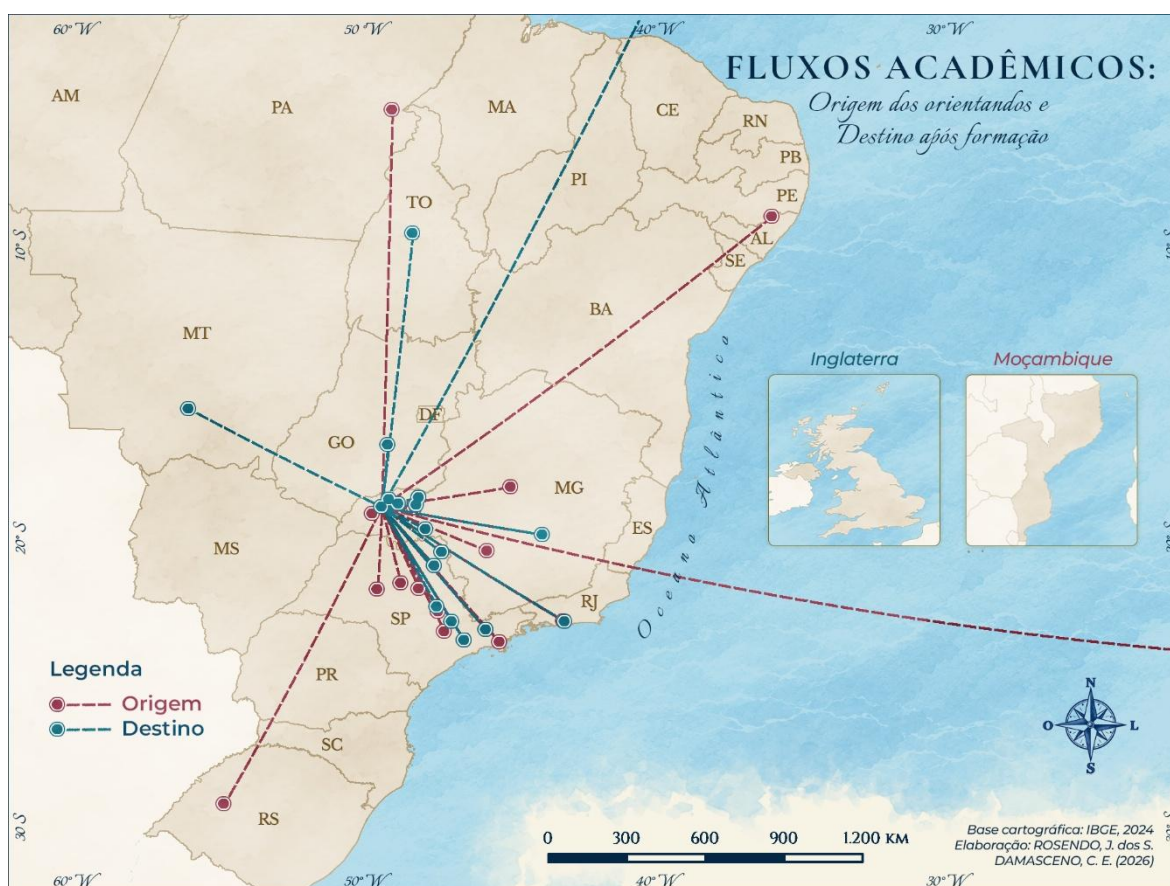
No âmbito da pós-graduação, ministrei a disciplina Análise Espacial: princípios e aplicações, aproximando o trabalho com as Geotecnologias, a pesquisa científica e a formação de novos pesquisadores. Ela representa, nesse sentido, uma síntese de diversas subáreas, como a Cartografia, o Geoprocessamento, o Sensoriamento Remoto, a análise espacial e a pesquisa geográfica.

Contudo, se o ensino das disciplinas se constitui como elemento fundamental na docência, considero que é na orientação e no acompanhamento dos estudantes que uma parcela

significativa da minha contribuição à formação acadêmica se revela. Na UFU, tive a oportunidade de acompanhar estudantes em várias etapas de sua formação, desde a iniciação científica e o PET, passando pelos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), até a pós-graduação, nos níveis de mestrado e doutorado.

Foram 126 estudantes acompanhados nas diversas modalidades registradas em meu currículo, distribuídos da seguinte forma: 2 coorientações de doutorado, 13 de mestrado, 24 TCCs, 20 de iniciação científica, 4 bolsistas de Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Inovação (BDCTI), 22 estudantes no âmbito do PET (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas, 16 do PIBID-Geografia e 25 de outras modalidades (Figura 11 e Tabela 1).

Figura 11 – Fluxos acadêmicos com a origem e destino dos estudantes orientados.



Fonte: Rosendo e Damasceno, 2026.

Esses números, embora expressem quantitativamente uma parte desse percurso, não traduzem sozinhos a importância que atribuo à orientação. Cada estudante representa uma história, uma possibilidade de formação e, muitas vezes, um percurso que se transforma a partir do encontro com a universidade, com a pesquisa, com a extensão e com o conhecimento.

Tabela 1 – Modalidades de orientação e quantidade de estudantes orientados (2008 a 2026)

Modalidade de orientação	Estudantes
Doutorado (Coorientação)	2
Mestrado	13
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	24
Iniciação Científica	20
Bolsa de Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Inovação (BDCTI)	4
Programa de Educação Tutorial (PET) – (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas	22
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) - Geografia	16
Outros (monitorias, voluntários e etc)	25
Total	126

Fonte: Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/3868966013347303>

Org.: Rosendo, 2026.

Minha prática de orientação sempre foi pautada pelo respeito a individualidade, às possibilidades e às escolhas de cada estudante. Procurei compreender a orientação não como uma relação hierárquica na qual o professor determina os rumos a serem seguidos, mas como um exercício de diálogo, acompanhamento e ação conjunta. Meu papel, nesse percurso, foi muitas vezes provocar perguntas, apontar alternativas, estimular a autonomia e, principalmente, incentivar cada estudante a buscar o que fosse melhor para sua própria formação.

Essa concepção fez a orientação assumir, para mim, um caráter que vai além da elaboração de um trabalho acadêmico. Orientar significa também ensinar a pesquisar, a formular perguntas, a lidar com dificuldades, a reconhecer limites, a pensar argumentos e a assumir responsabilidades diante da própria formação. Significa, ainda, reconhecer que os estudantes chegam à universidade com expectativas e condições distintas e que o professor precisa estar atento a essas diferenças para que a formação possa efetivamente se concretizar.

Nesse contexto, a iniciação científica ocupou um lugar especial. A aproximação de estudantes de graduação com a pesquisa possibilita que eles experimentem, muitas vezes pela primeira vez, a definição de um problema científico, a organização de dados, o trabalho de campo, a análise espacial e a interpretação dos resultados. Muitos dos estudantes que acompanhei nessa modalidade seguiram depois para o mestrado, em alguns casos para o doutorado e, inclusive, tornaram-se parceiros em projetos de pesquisa, estabelecendo

continuidade entre as várias etapas da formação. Esse movimento evidencia a importância de uma docência que não se encerra na sala de aula, mas que cria condições para que o estudante descubra novas oportunidades acadêmicas e profissionais.

O mesmo pode ser observado no acompanhamento dos estudantes vinculados ao PET, espaço interdisciplinar que reúne discentes de diversos cursos, no qual a formação vai além dos limites de uma disciplina específica e envolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, além do desenvolvimento da autonomia e da capacidade de trabalho coletivo. A participação nessa modalidade ampliou minha vivência na formação de estudantes de graduação e reforçou minha compreensão de que a Universidade deve oferecer múltiplas vias para que os jovens possam desenvolver suas potencialidades.

A orientação de TCC representa, para muitos estudantes, o primeiro contato sistemático com a elaboração de uma pesquisa acadêmica. É nesse momento que conceitos e saberes acumulados durante a graduação precisam ser transformados em uma investigação concreta, com problema, objetivos, procedimentos metodológicos e análise. Acompanhar essa etapa sempre significou, para mim, ajudar o estudante a adquirir maior segurança intelectual e a reconhecer a própria capacidade de produzir conhecimento.

Vale destacar que, durante as orientações de TCC, cheguei a orientar duas alunas do curso de Química, que me procuraram após conhecerem um projeto de pesquisa sobre estoque de carbono nos solos. Foi também o caso de duas estudantes do curso de Ciências Biológicas, que, após concluírem a disciplina Gestão Ambiental, defenderam seus TCCs comigo.

Na pós-graduação, a orientação adquiriu novas responsabilidades. O acompanhamento de 13 estudantes de mestrado e 2 coorientações de doutorado, entre trabalhos concluídos e em andamento, me possibilitou participar da formação de pesquisadores em nível de excelência. Com isso, relação passa a envolver questões mais complexas, ligadas à autonomia científica, à teoria, à prática metodológica e à inserção do pesquisador em sua área de conhecimento. Acompanhar esses alunos, foi também uma forma de refletir continuamente sobre minha própria prática, pois cada pesquisa orientada trouxe problemas inéditos, outras perguntas e novas possibilidades de compreender a Geografia.

Ao olhar para esse conjunto de vivências, reconheço a docência e a formação de estudantes como uma das principais contribuições da minha carreira. Mais do que o número de disciplinas ministradas ou de orientações realizadas, considero significativo ter participado da formação de diversas gerações de estudantes, desde seus primeiros passos na pesquisa e seus

trabalhos de conclusão de curso até o mestrado, o doutorado e, em muitos casos, a inserção profissional.

Há, também, uma dimensão da minha caminhada que não pode ser expressa apenas por artigos publicados, projetos aprovados ou resultados de pesquisa. Ela está presente nas pessoas que cruzaram minha jornada como professora e orientadora. Algumas seguiram a carreira acadêmica, outras ingressaram no mercado de trabalho, outras trilharam rumos profissionais diversos e algumas seguem como amigas e parceiras profissionais. Em comum, permanece a vivência compartilhada durante a formação.

É nesse sentido que compreendo a docência, como uma etapa de formação humana e intelectual, balizada pelo encontro com o outro. Se as Geotecnologias marcaram uma área de atuação profissional, a formação dos estudantes representa, talvez, uma das expressões mais concretas do sentido que atribuo à minha presença na universidade. Ensinar, orientar e acompanhar cada indivíduo significou também aprender continuamente, rever certezas, enfrentar desafios e reconhecer que o conhecimento produzido na universidade ganha verdadeiro valor quando ajuda a transformar as pessoas que dele participam.

Ao longo desses anos, a sala de aula, o laboratório, a pesquisa, a extensão e a orientação não foram tarefas desempenhadas separadamente, pois integraram uma mesma missão: formar estudantes capazes de compreender o mundo, produzir conhecimento e seguir, com autonomia, suas próprias jornadas.

CAPÍTULO VI

Extensão Universitária e o compromisso com a sociedade

A extensão universitária ocupa um lugar cada vez mais relevante em minha carreira acadêmica, por representar uma oportunidade concreta de aproximação entre a Universidade e a sociedade. Embora minhas primeiras ações extensionistas tenham ocorrido ainda nos anos iniciais como docente, foi a partir de minha inserção no PET (Re)Conectando Saberes, Fazeres e Práticas, no Campus Pontal, em 2002, que essas ações ganharam maior intensidade, diversidade e continuidade.

A vivência no PET ampliou minha compreensão acerca do papel social da universidade e me estimulou a desenvolver projetos que ultrapassassem os limites da sala de aula e estabelecessem um diálogo mais direto com diversos segmentos da comunidade.

Ela também contribuiu para que a extensão passasse a ser compreendida por mim não apenas como uma atividade complementar à pesquisa e ao ensino, mas como um espaço privilegiado de produção compartilhada de conhecimentos, no qual universidade e sociedade se transformam mutuamente.

Nesse sentido, as ações desenvolvidas passaram a ter como ponto de partida demandas reais identificadas no território, envolvendo escolas públicas, estudantes da educação básica, comunidades e grupos sociais, além da própria comunidade acadêmica. Ao mesmo tempo, essas ações permitiram aos estudantes de graduação vivenciar situações que dificilmente seriam reproduzidas exclusivamente no espaço universitário, fortalecendo sua formação profissional, cidadã e humana.

As ações desenvolvidas no âmbito da extensão apresentam, assim, diversos eixos temáticos, que refletem tanto minha formação em Geografia e Geotecnologias quanto meu compromisso com questões socioambientais, educacionais e sociais.

Em uma primeira fase, destaco minha participação como integrante de equipes executoras, como nos projetos Educação Ambiental e Saneamento Básico: Diagnóstico

Socioambiental para a Bacia do Córrego Pirapitinga na Área Urbana de Ituiutaba-MG (2012-2013), desenvolvido com financiamento do Ministério da Educação; EducaSolos: uma proposta de ensino de solos para caracterização, identificação, conscientização e preservação do ambiente (2015-2016); e Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres: educação inclusiva, autonomia econômica e participação política (2012-2013).

Essas ações aproximaram o conhecimento produzido na universidade das escolas e da comunidade, por meio de oficinas, materiais didáticos, trabalhos de campo, palestras e outras estratégias de divulgação científica e educação ambiental.

Admirava os colegas que conseguiam desenvolver diversos projetos e ações de extensão, embora, naquele momento, percebesse que minha própria vocação estava mais voltada à captação de recursos externos e ao desenvolvimento de projetos de pesquisa. Contudo, a vivência durante minha participação no PIBID, ao frequentar diversas escolas estaduais, despertou em mim um olhar mais atento para as demandas e desafios presentes no cotidiano escolar.

Nessas escolas, comecei a observar, cada vez com mais frequência, casos de gravidez entre adolescentes, o que me levou a refletir sobre a necessidade de desenvolver ações educativas voltadas à prevenção da gravidez na adolescência. Foi dessa inquietação, articulada à vivência acumulada no ambiente escolar, que nasceu meu primeiro projeto de extensão coordenado por mim, intitulado Educação Sexual para a Vida (2014-2018) e desenvolvido em parceria com os estudantes do PIBID em uma escola estadual de Ituiutaba.

Esses projetos foram decisivos para ampliar o arcabouço conceitual para além das temáticas tradicionalmente associadas à Geografia, incorporando discussões sobre relações de gênero, educação, autonomia e as questões vivenciadas cotidianamente pelos estudantes.

A partir de 2020, observo a ampliação de ações extensionistas relacionadas à formação acadêmica e à divulgação do conhecimento, como a Capacitação online em QGIS (2020), o Circuito de Palestras do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geoprocessamento Aplicado ao Meio Ambiente (NEPEGAMA) e outras atividades vinculadas aos grupos e laboratórios dos quais participo. A capacitação em QGIS, particularmente, dialoga diretamente com minha área de especialização em Geotecnologias e evidencia um dos princípios fundamentais da extensão, a socialização de conhecimentos e ferramentas que podem ser apropriados por estudantes e outros sujeitos para sua formação acadêmica e profissional.

No entanto, é sobretudo a partir de 2022 que essa atuação assume uma perspectiva mais sistemática e diversificada, fortemente relacionada à minha participação no PET

(Re)Conectando. Nesse período, passei a coordenar e participar de ações que articulam educação, inclusão, relações étnico-raciais, gênero, diversidade, saúde, permanência estudantil e direitos sociais, ampliando significativamente o alcance da extensão desenvolvida no Campus Pontal.

Entre essas ações, destaca-se o projeto UFU na Escola e o PET (Re)Conectando (2022), desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Israel Pinheiro, em Ituiutaba. A iniciativa aproximou os estudantes da educação básica da universidade, apresentando as formas de ingresso e permanência na UFU, os cursos de graduação e a infraestrutura do Campus Pontal. Mais do que divulgar a universidade, a ação buscou contribuir para que jovens de uma escola pública reconhecessem o ensino superior como uma alternativa real de formação e de transformação de suas realidades.

No mesmo ano, coordenei o projeto A Universidade: Possibilidades e Desafios, voltado especialmente aos estudantes ingressantes e às questões de permanência. A ação foi organizada a partir de mesas-redondas sobre as alternativas para manter os estudantes na universidade e os desafios da carreira acadêmica. Essa ação reforçou uma preocupação de que não basta ampliar o acesso à universidade; é necessário criar condições para que os estudantes continuem, com dignidade e pertencimento.

Outro eixo que ganhou destaque foi o enfrentamento às diversas formas de preconceito e discriminação. O projeto Xô Preconceito tornou-se uma das ações mais duradouras dessa perspectiva. Em 2022, com o tema Capacitismo: uma doença da sociedade, foram realizadas uma mesa-redonda, a exibição de um filme para estudantes da APAE de Ituiutaba e uma oficina sobre práticas anticapacitistas. Em 2023, o projeto abordou as políticas de cotas raciais à luz dos dez anos de sua implementação, reunindo palestras, minicursos, oficinas e mostra cultural, com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação. Já em 2024 e 2025, a ação avançou para a discussão de estereótipos estéticos, de gênero e étnico-raciais, extrapolando os muros da universidade e chegando diretamente à escola pública.

Essa ampliação do Xô Preconceito é particularmente relevante, pois revela uma mudança expressiva na própria concepção da ação extensionista. Se inicialmente as atividades eram realizadas predominantemente no espaço universitário, depois passaram a ser desenvolvidas também nos espaços sociais onde os problemas são vivenciados cotidianamente.

O projeto UFU na Escola mostrou a necessidade de levar para a educação básica discussões sobre ações afirmativas, diversidade e enfrentamento ao preconceito em suas várias formas, estabelecendo uma relação mais horizontal entre universidade e escola.

Com relação ao projeto Educação e Saúde em Rede (2023), foi criado um espaço de diálogo sobre saúde da mulher, prevenção do câncer do colo do útero, HPV e formação de professores, aproximando profissionais, docentes, estudantes e demais interessados. A proposta reforçou minha compreensão de que a universidade tem papel relevante ao promover espaços de formação nos quais seja possível tratar questões de saúde não apenas sob uma perspectiva biomédica, mas também considerando suas dimensões educativas, sociais e culturais.

Essa perspectiva de extensão comprometida com as pessoas e com suas vivências tornou-se ainda mais evidente no projeto Rodas de Acolhimento, iniciado em 2023 e desenvolvido posteriormente com maior intensidade. A ação passou a acompanhar aproximadamente 30 crianças e adolescentes integrantes do Congo Filhos da Luz, reconhecendo as situações de violência de gênero, racismo, intolerância religiosa e LGBTfobia vivenciadas por esses jovens e buscando criar espaços de acolhimento, escuta e cuidado.

Trata-se, a meu ver, de uma ação particularmente relevante, pois evidencia uma extensão que não se limita à transmissão de informações, mas que procura escutar, acolher e propor coletivamente estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades sociais. O projeto recebeu, consecutivamente, duas certificações dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS-Educação), da Organização das Nações Unidas (ONU).

Mais recentemente, em 2025, coordenei o projeto Queimadas: conhecer para prevenir, desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Maria de Barros. A iniciativa, agraciada com o prêmio INOVA PET (2025), retoma uma temática ambiental muito próxima de minha formação, mas a aborda a partir de uma perspectiva educativa e de conscientização sobre os impactos socioambientais das queimadas no ambiente urbano. O projeto demonstra também a capacidade de articular minha área de atuação em Geografia Física e Geotecnologias com as demandas contemporâneas da educação ambiental.

Ao observar esse conjunto de iniciativas, percebo que parti de ações centradas principalmente na educação ambiental e na aproximação com escolas e comunidades e, gradativamente, passei a incorporar temas como diversidade, relações étnico-raciais, gênero, inclusão, saúde, permanência estudantil e direitos sociais, conforme demonstra a nuvem de palavras elaborada com os títulos dos projetos (Figura 12).

A participação no PET (Re)Conectando foi fundamental nessa transformação, tanto pelo caráter coletivo de suas ações quanto pela oportunidade de trabalhar diretamente com estudantes de graduação na execução dos projetos. Dessa forma, a extensão passou a constituir também um espaço relevante de formação de estudantes.

Figura 12 – Nuvem de palavras elaborada a partir dos títulos dos projetos de extensão desenvolvidos



Fonte: WordArt.
Org.: Rosendo, 2026.

Ao envolver graduandos na elaboração de projetos, na organização de eventos, na produção de materiais, no contato com escolas, na realização de oficinas, palestras e atividades de campo, essas ações favoreceram o desenvolvimento de competências acadêmicas, profissionais e sociais. O estudante deixa de ocupar exclusivamente a posição de receptor do saber e passa a atuar como sujeito na produção e circulação desse conhecimento, em diálogo com diversas realidades sociais.

Considero, desse modo, que o conjunto dessas ações expressa uma das fases mais significativas de meu percurso, marcado pela compreensão de que a universidade pública só cumpre plenamente sua função quando consegue estabelecer vínculos efetivos com a sociedade da qual faz parte. A extensão me permitiu colocar em diálogo conhecimentos científicos, vivências e demandas sociais, ao mesmo tempo em que favoreceu o retorno à universidade de questões e saberes provenientes da comunidade, alimentando novas perguntas, projetos de pesquisa, práticas pedagógicas e processos formativos.

Assim, mais do que contabilizar projetos, eventos ou pessoas alcançadas, reconheço na extensão um processo de criação de vínculos, de formação de sujeitos e de transformação de

realidades. Foi nesse movimento que o PET (Re)Conectando assumiu papel decisivo, ampliando minha participação extensionista e consolidando uma prática acadêmica pautada pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Como se vislumbra na Figura 12, o PET assume posição de centralidade e de magnitude frente aos demais temas.

Quadro: Ações extensionistas desenvolvidas

Período	Título de ações extensionistas desenvolvidas	Tipo de Atuação
2012–2013	Educação Ambiental e Saneamento Básico	Integrante
2012–2013	Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres	Integrante
2014–2018	Educação Sexual para a Vida	Coordenadora
2015–2016	EducaSolos	Integrante
2019	Destino final de resíduos sólidos domésticos	Integrante
2019	Pint of Science	Integrante
2020	Capacitação online em QGIS	Coordenadora
2020	Circuito de Palestras NEPEGAMA	Integrante
2022 - atual	UFU na Escola e PET (Re)Conectando	Coordenadora
2022- Atual	A Universidade Possibilidades e Desafios	Coordenadora
2022–atual	Cine PET (Re)Conectando	Coordenadora
2022	Xô Preconceito - Capacitismo uma doença da sociedade	Coordenadora
2023	Xô Preconceito - Política de cotas raciais à luz dos 10 anos de sua implementação	Coordenadora
2023	Educação e Saúde em Rede	Integrante
2023- atual	Dialogando sobre o Congado	Coordenadora
2024 - atual	Rodas de Acolhimento	Coordenadora
2024 - atual	Xô Preconceito: debatendo estereótipos de gênero, estéticos e étnico-raciais	Coordenadora
2025 - atual	Queimadas: conhecer para prevenir	Coordenadora
2025 - atual	PET (DES) Conectando	Coordenadora
2026	Dialogando sobre o Congado	Coordenadora

Fonte: Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/3868966013347303>.

Org.: Rosendo, 2026.

Para complementar esta narrativa, o quadro-síntese apresentado anteriormente demonstra os principais projetos e ações de extensão dos quais participei ou que coordenei, para que se possa avaliar a amplitude dessa produção, com temas que perpassam a saúde coletiva, o ensino, a inclusão e as ações afirmativas.

CAPÍTULO VII

Pesquisa, Inovação e Produção do conhecimento

Ao revisitar os projetos de pesquisa que coordenei, percebo que eles revelam mais do que uma sucessão de temas e objetos de investigação. Expressam um processo de amadurecimento intelectual que teve início com a aprovação do primeiro projeto com financiamento externo, em 2010, e que segue em curso desde então. Nesse percurso, fui elaborando uma maneira própria de olhar para a Geografia, particularmente para as relações entre sociedade, natureza, território e ambiente, tendo as geotecnologias como instrumentos fundamentais de investigação.

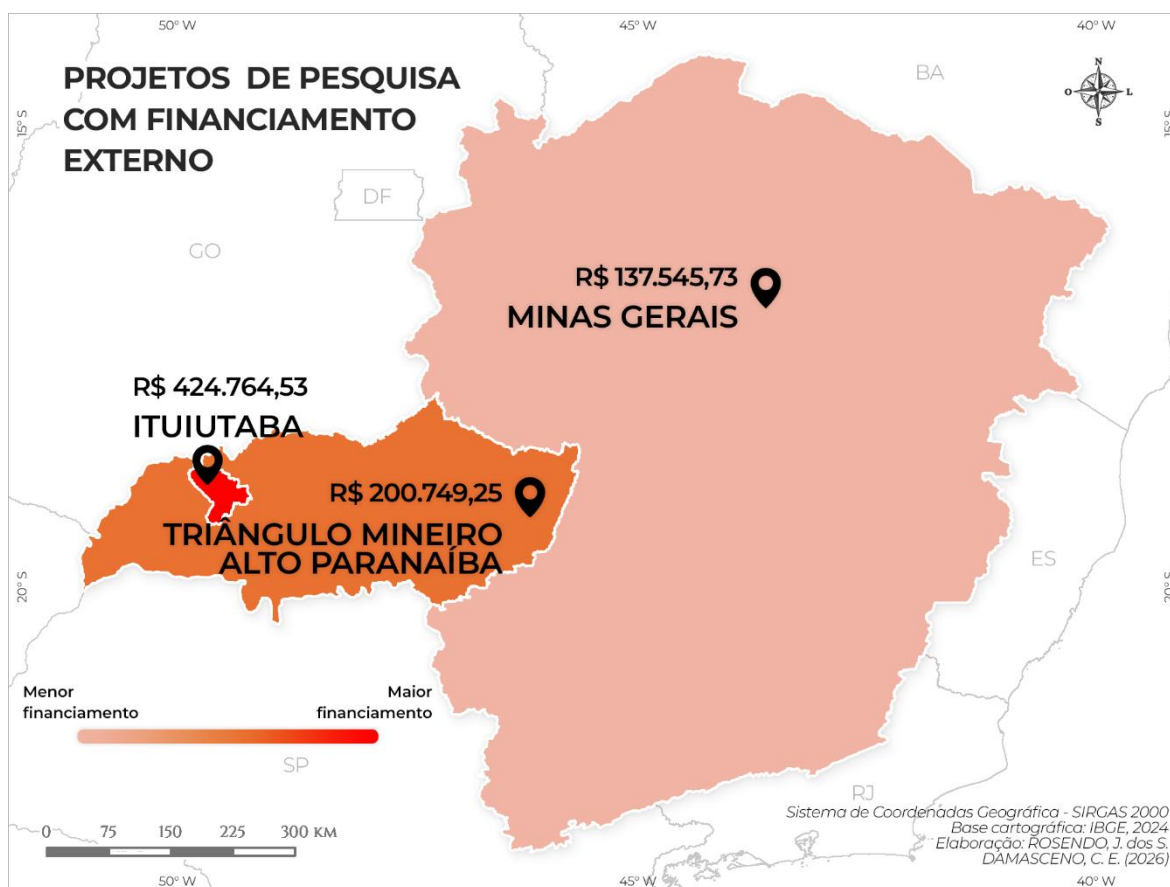
O ano de 2010 marcou, especialmente, o início dessa trajetória como pesquisadora, pois, depois de defender o doutorado em Geografia, pude me dedicar às atividades de pesquisa de forma mais intensa.

A partir de 2011, notei uma habilidade que eu desconhecia: a elaboração de projetos de pesquisa e a captação de recursos externos para viabilizar sua execução. Especialmente por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), mas também em articulação com outras agências, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), fui aperfeiçoando a capacidade de transformar questões científicas em propostas estruturadas, capazes de mobilizar recursos, equipes, equipamentos e distintas fontes de financiamento.

A captação de financiamento passou a integrar meu modo de fazer pesquisa. Elaborar um projeto para uma agência de fomento significava transformar uma inquietação científica em um problema de investigação delimitado, estabelecer objetivos, definir procedimentos metodológicos, dimensionar recursos, prever resultados e estratégias para sua realização. Ao longo dos anos, esse exercício contribuiu para ampliar minha autonomia como pesquisadora e minha capacidade de liderança na condução de estudos.

Os recursos obtidos foram fundamentais para conferir materialidade às questões que orientavam minhas investigações, viabilizando a realização de trabalhos de campo, a aquisição de equipamentos, o desenvolvimento e a aplicação de metodologias, o processamento e a análise de dados e a ampliação das condições institucionais para a produção científica. Com exceção do projeto de infraestrutura aprovado pela FINEP, todos os demais projetos aprovados com financiamento externo foram coordenados por mim, a partir de 2011, e seus recursos concentraram-se, majoritariamente, em Minas Gerais, sobretudo no Triângulo Mineiro e em Ituiutaba (Figura 13).

Figura 13 – Espacialização dos recursos financeiros aprovados por financiamento externo



Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

O conjunto dos projetos de pesquisa, de desenvolvimento científico e tecnológico e até mesmo de extensão, coordenados por mim durante esses 18 anos de UFU, Campus Pontal, alcançou quase R\$ 800.000,00 em recursos financiados (Quadro 1). Mais do que o montante financeiro, considero relevante o que esses recursos expressam: a capacidade progressiva de

formular projetos, estabelecer parcerias, disputar editais e mobilizar financiamento para o desenvolvimento local, regional e estadual.

A análise do Quadro 1 mostra que, do total dos recursos captados nesses 18 anos, 55,67% permaneceram na cidade de Ituiutaba e abrangeram desde projetos de implantação de infraestrutura, com apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), até ações de Extensão e de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Em escala regional, o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba concentrou 26,31% dos recursos no período de 2011 a 2017 (quando o projeto foi encerrado), com foco no estoque de carbono na cana-de-açúcar. A partir de 2018, ampliei o escopo das pesquisas para o nível estadual, que respondeu por 18,02% dos recursos totais financiados.

Quadro 1 – Recursos financiados, agências de fomento e abrangência (2008-2026)

Ano e Projetos Financiados	R\$	Agência	Categoria	Abrangência
2008 - CT-INFRA II	250.000,00	FINEP	Pesquisa	Ituiutaba
2011- Impacto das mudanças de usos da terra no estoque de carbono dos solos da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	157.479,00	FAPEMIG	Pesquisa	Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba
2013 - A expansão canavieira e o impacto no estoque de Carbono dos solos da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG	24.931,20	FAPEMIG	Pesquisa	Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba
2014 - A expansão canavieira e o impacto no estoque de Carbono dos solos da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG	18.339,05	CNPq	Pesquisa	Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba
2018 - DATACANA: Monitoramento da cana-de-açúcar por meio do sensoriamento remoto e geoprocessamento	60.534,05	FAPEMIG	Pesquisa	Minas gerais
2022 - DATACANA: Monitoramento da cana-de-açúcar por meio do sensoriamento remoto e geoprocessamento	77.011,68	FAPEMIG	Pesquisa	Minas gerais
2022 - As políticas de Cotas Raciais à luz dos 10 anos de sua implementação	18.339,05	PROEXC-UFU	Extensão	Ituiutaba
2024 - Melhoria dos Processos Editoriais da Revista <i>Brazilian Geographical Journal</i>	156.425,48	FAPEMIG	Desenvolvimento Científico e Tecnológico	Ituiutaba
Total	R\$ 763.060			

Fonte: Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/3868966013347303>.

Org.: Rosendo, 2026.

Meu escopo de investigação se constituiu inicialmente a partir de questões relacionadas ao uso da terra e às mudanças ambientais no Cerrado. Ainda durante o doutorado, entre 2007 e 2010, investiguei a potencialidade de sequestro de carbono em distintos usos da terra na Bacia do Rio Araguari. A pesquisa articulava sensoriamento remoto, Sistemas de Informação Geográfica e análise das formas de ocupação do território, buscando compreender a capacidade desses usos de contribuir para o sequestro de carbono.

Esse primeiro conjunto de questões foi determinante visto que o estoque de carbono tornou-se, para mim, uma oportunidade de aproximar temas diversos da análise geográfica, abrangendo a dinâmica da cobertura da terra, as características dos solos, as práticas de uso e manejo e os processos associados às mudanças climáticas. Nos anos seguintes, passei a investigar esse estoque em solos submetidos a usos variados, bem como os efeitos das mudanças de uso da terra sobre ele.

Nesse contexto, insere-se o projeto “Impacto das mudanças de usos da terra no estoque de carbono dos solos da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba”, financiado pela FAPEMIG, no valor de R\$ 157.479,00, que contou com a parceria de pesquisa do Prof. Dr. André Luiz Bogado e com a aquisição de um Analisador Elementar (CHNSO), instalado no Laboratório de Compostos Inorgânicos (LCI) e utilizado para analisar os teores de carbono das amostras.

Com o encerramento desse estudo, em 2013, aprovei o projeto intitulado “A expansão canavieira e o impacto no estoque de carbono dos solos da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG”, que contou com recursos da FAPEMIG, no valor de R\$ 24.931,20, e do CNPq, no valor de R\$ 18.339,05. Esses financiamentos foram decisivos para o desenvolvimento de pesquisas voltadas à compreensão das relações entre transformação territorial, uso da terra e processos ambientais.

Ao olhar retrospectivamente para esse período, compreendo que uma das principais contribuições desses projetos para minha formação como pesquisadora foi a oportunidade de ultrapassar uma leitura exclusivamente espacial das mudanças ambientais. Mapear onde ocorriam as transformações era fundamental, mas tornou-se cada vez mais necessário compreender também seus efeitos, suas causas e os processos que as produziam. A espacialização passou, assim, a ser articulada à mensuração e à interpretação dos fenômenos ambientais.

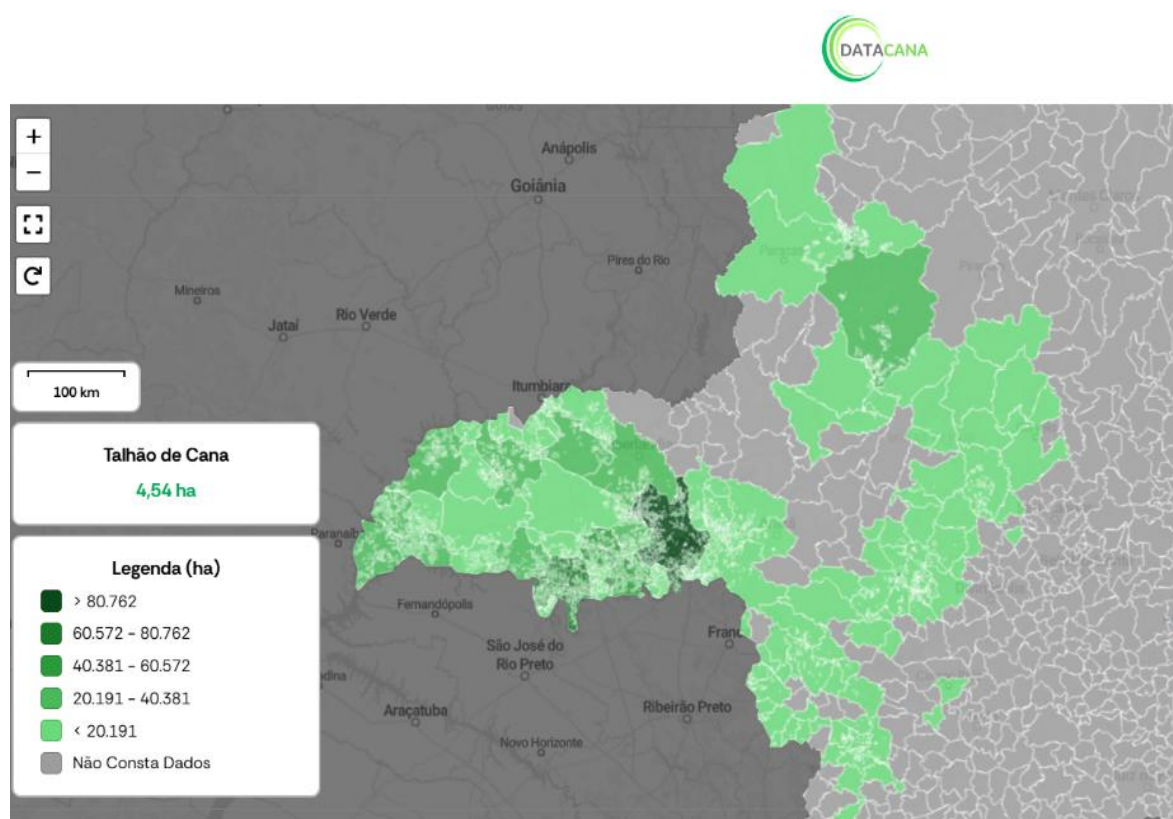
Nesse percurso, a expansão da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro passou a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas desenvolvidas. A cana permitia observar, em uma mesma

realidade territorial, a transformação geográfica que perpassa a mudança do uso da terra, associada à expansão da atividade agroindustrial, bem como as alterações ambientais e as modificações nas relações de trabalho.

Não compreendo, porém, as geotecnologias apenas como recursos técnicos. Elas passaram a constituir instrumentos que ampliam o alcance da Geografia para observar, mensurar, comparar e interpretar processos que se manifestam espacialmente. Mais do que incorporar novas ferramentas, tratava-se de expandir as possibilidades de investigação diante de problemas cada vez mais complexos.

Essa articulação entre problema de pesquisa, desenvolvimento metodológico e capacidade de captação de recursos é particularmente evidente no projeto DATAcana: Monitoramento da cana-de-açúcar por meio do sensoriamento remoto e geoprocessamento, que coordenei em duas etapas, entre 2018 e 2022 e entre 2022 e 2025, ambas financiadas pela FAPEMIG. As duas etapas receberam, respectivamente, R\$ 60.534,05 e R\$ 77.011,68 (Figura 14).

Figura 14 – Layout da plataforma DATAcana



Fonte: <https://www.datacana.org/#/mapsdata/platform>.

O DATACANA dá continuidade às questões que vinham sendo investigadas desde as pesquisas sobre uso da terra, carbono e setor sucroenergético, mas incorpora novas formas de observação, monitoramento e análise. O acompanhamento da expansão da cana-de-açúcar passou a envolver o aprimoramento dos procedimentos capazes de monitorar espacialmente essa cultura, aproximando a investigação geográfica dos recursos oferecidos pela produção sistemática de dados e pelas tecnologias recentes de análise espacial.

A bagagem acumulada com os projetos anteriores também fortaleceu minha capacidade de formular propostas e buscar financiamento para a execução de projetos em outras áreas. A obtenção de recursos junto à FAPEMIG e ao CNPq passou a constituir uma prática constante da jornada científica atuação científica. Nesse conjunto, destaca-se o projeto “Melhoria dos Processos Editoriais da *Revista Brazilian Geographical Journal*”, financiado pela FAPEMIG, no valor de R\$ 156.425,48.

A pesquisa deixou de estar circunscrita à formulação e à execução de investigações e passou a abranger também as condições materiais e institucionais necessárias para que elas pudessem ser realizadas. A elaboração e coordenação de projetos financiados envolveram planejamento, gestão de recursos, articulação institucional, formação e condução de equipes e responsabilidade pela transformação de recursos públicos em resultados científicos.

A recorrência dos financiamentos obtidos, especialmente junto à FAPEMIG, não representa apenas a capacidade de acessar recursos. Ela expressa a competência científica e institucional de identificar problemas relevantes, traduzi-los em projetos de pesquisa, propor metodologias adequadas, articular diversas instituições e mobilizar recursos para produzir conhecimento.

Depois de quinze anos de obtenção do título de Doutora em Geografia, pude me dedicar à realização de um estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Geociências Aplicadas e Geodinâmica (PPGGAG), da Universidade de Brasília (UnB), sob supervisão do Prof. Dr. Edson Eyji Sano.

Estar sob tutoria de um dos maiores nomes da Geotecnologias Brasileira foi extremamente enriquecedor. Durante o pós-doutorado, pude empregar meus conhecimentos para investigar as “Junções triplas de regiões hidrográficas como um dos critérios para definição de áreas prioritárias para conservação da biodiversidade”. Nesse estudo, o conhecimento espacial produzido pela Geografia e pelas Geotecnologias é mobilizado não apenas para compreender transformações já ocorridas, mas também para subsidiar a definição de estratégias de conservação da biodiversidade em nível nacional.

Assim, quando observo o conjunto dos projetos de pesquisa que desenvolvi e coordenei, reconheço que parti de questões relacionadas ao uso da terra e ao sequestro de carbono; aprofundei a investigação dos efeitos ambientais e sociais das transformações territoriais, especialmente aquelas associadas à expansão da cana-de-açúcar; ampliei e diversifiquei o uso das geotecnologias; e, mais recentemente, passei a direcionar parte dessas ferramentas para a mensuração de serviços ambientais e para a definição de estratégias de conservação.

Com o passar dos anos, as perguntas foram se tornando mais complexas à medida que os próprios projetos me colocavam diante de outros problemas. A preocupação inicial em compreender e mensurar as transformações ambientais foi gradativamente incorporando os fatores sociais, econômicos e territoriais e, depois, a necessidade de produzir conhecimentos que pudessem ajudar a enfrentar esses problemas.

Também participei de projetos de pesquisa coordenados por outros pesquisadores, vivência que considero igualmente relevante para compreender minha formação e minha inserção científica. Ainda nos primeiros anos dessa etapa, participei de pesquisas voltadas à análise das transformações ambientais e territoriais, como o projeto “O uso da terra e seus impactos nas mudanças climáticas”, desenvolvido entre 2008 e 2010, e, posteriormente, do projeto “Mapeamento, Quantificação e Modelagem de Estoque de Carbono em Solos sob Pastagens Cultivadas na Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba”, realizado entre 2011 e 2014, com financiamento do CNPq, ambos coordenados pelo Prof. Dr. Roberto Rosa.

A participação em projetos voltados à investigação das condições de trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar ampliou as discussões das pesquisas que eu coordenava. Entre 2013 e 2015, integrei o projeto “A Precarização do Trabalho dos Cortadores de Cana-de-Açúcar na Microrregião de Ituiutaba (MG): realidade, consciência e possibilidades de intervenção social”, financiado pela FAPEMIG e coordenado pelas Profas. Dras. Joelma Cristina dos Santos e Patrícia Francisca de Matos.

Entre 2014 e 2017, participei do projeto “Mapeamento, Análise e Quantificação de Estágios de Degradação das Pastagens na Bacia do Rio Paranaíba”, coordenado pelo Prof. Dr. Roberto Rosa. Também integrei dois projetos dedicados ao fim do corte manual da cana-de-açúcar e aos impactos dessa transformação sobre os trabalhadores, um entre 2017 e 2019 e outro entre 2017 e 2020, em pesquisas que articulavam questões ambientais, territoriais e sociais.

Essas participações foram especialmente relevantes porque ocorreram em paralelo ao desenvolvimento de projetos que eu própria coordenava, permitindo, simultaneamente, a liderança de pesquisas e a colaboração em equipes.

Mais recentemente, essa capacidade de inserção em projetos coletivos passou a acompanhar a ampliação dos campos de investigação nos quais atuo. Entre 2017 e 2021, integrei o projeto “Geotecnologias e espaço agropecuário: aplicações, viabilidades e perspectivas na Microrregião Geográfica de Ituiutaba-MG”, financiado pela FAPEMIG e coordenado pelo Prof. Dr. Roberto Barboza Castanho.

Entre 2019 e 2021, participei do projeto “Forma, morfologia e tipologias urbanas: estudo sobre cidades de porte médio do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba”, ampliando o leque para temas ligados à estrutura e à dinâmica urbana. A partir de 2022, passei também a integrar pesquisas voltadas à aerofotogrametria aplicada ao mapeamento e ao monitoramento de experimentos agropecuários e, atualmente, ao desenvolvimento de modelos de Inteligência Geográfica para a mensuração de serviços ambientais no Cerrado. Esse conjunto evidencia que minha inserção científica não se dá apenas pela proposição e coordenação de pesquisas próprias, mas também pela capacidade de integrar equipes, compartilhar saberes e contribuir para projetos interdisciplinares e de escalas variadas.

Quanto à produção do conhecimento, destaco 30 artigos em revistas, 72 trabalhos publicados em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais e 5 capítulos de livros. Mais do que números, esses dados revelam a colaboração de ex-alunos e professores parceiros de escrita.

Apesar dessas publicações, ainda não consegui finalizar a redação de um livro autoral. Esse é um dos objetivos a que pretendo me dedicar em breve, sem a pressão de cumprir etapas de progressão, mas pelo prazer da escrita.

CAPÍTULO XIII

A gestão acadêmica e o trabalho coletivo

Ao revisitar, na plataforma Lattes, as várias funções administrativas representadas pelas comissões, coordenações e espaços institucionais dos quais participei, percebo que elas não constituem um conjunto isolado de atividades de gestão, mas expressam uma atuação significativa na minha relação com a universidade. Pretendo, portanto, apontar apenas as que considero relevantes nesse universo.

A participação na gestão é especialmente importante porque minha experiência profissional na UFU Campus Pontal ocorreu em um contexto de expansão universitária no qual muitas das estruturas acadêmicas ainda estavam sendo efetivamente estabelecidas. Ao contrário de uma instituição em que procedimentos, espaços, programas e redes de colaboração já se encontravam prontos, o Campus em que desenvolvi grande parte de minha carreira exigiu envolvimento ativo na viabilização dessas condições.

Regimentos precisaram ser elaborados, estruturas acadêmicas organizadas, projetos institucionais concebidos e redes de cooperação estabelecidas. Nesse contexto, a gestão não apareceu para mim como uma atividade apartada da docência e da pesquisa, mas como condição indispensável para que elas próprias pudessem se desenvolver. Uma das vivências que melhor representa isso foi minha contribuição na criação e implantação do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP). Em 2013, passei a integrar a comissão constituída para estudar e estruturar uma proposta de Mestrado Acadêmico em Geografia na então Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP). A tarefa ocorria em um ambiente bastante complexo.

O Campus Pontal havia iniciado suas atividades em 2007, mas a UFU já possuía, desde 1998, um sólido Programa de Pós-graduação em Geografia, no Instituto de Geografia (PPGEO-IG), na sede, em Uberlândia, inclusive com Doutorado. Durante determinado período, essa situação foi compreendida como um obstáculo à criação de um segundo programa na mesma área. Os docentes dos campi fora da sede também não tinham, naquela época, a possibilidade

de se credenciar nos programas existentes em Uberlândia, sendo “recomendados” pela reitoria a propor cursos interdisciplinares e inovadores em relação à sede.

Naquele momento, de 2011 a 2013, participei de grupos de estudos e comissões que analisaram e propuseram mestrados interdisciplinares nas seguintes áreas: Planejamento, Gestão e Políticas Públicas; Ciências; e Química. Todos foram reprovados pela CAPES. Entretanto, reflito que essas tentativas não foram em vão, pois possibilitaram adquirir a bagagem necessária à criação do PPGE.

De 2013 a 2014, atuei como coordenadora de área de Ciências Humanas no campus Pontal, e nessa gestão fui incumbida (e desafiada) a propor um Curso de Mestrado que lograsse sua aprovação, diferentemente dos demais. Nessa ocasião, durante o GEOPONTAL, recebemos a professora Dra. Beatriz Ribeiro Soares, que, com toda sua experiência e visão de mundo, nos disse “vocês têm que abrir um Mestrado em Geografia aqui, várias propostas foram aprovadas recentemente, não percam essa chance”.

Esse foi o *start* que me fez refletir sobre deixar de tentar propor um Mestrado interdisciplinar e focar no que realmente era a vocação do nosso grupo. Portanto, como coordenadora de área, convidei um grupo seletivo de professores com quem a dinâmica de trabalho era eficiente e planejamos, coletivamente, toda a estrutura acadêmica do PPGE.

Figura 15 – Faixa parabenizando a proposta aprovada na CAPES, em 2014



Autora: Rosendo, 2014

A criação do PPGE, como demonstrado, não resultou simplesmente da decisão de oferecer um novo curso. Foi necessário demonstrar institucionalmente a legitimidade de um programa de Geografia em Ituiutaba, comprovando sua pertinência acadêmica e social e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma identidade própria em relação ao programa existente na sede. A comissão precisou discutir área de concentração, linhas de pesquisa, estrutura curricular, composição do corpo docente, produção científica e demais elementos necessários à elaboração de uma proposta consistente para a CAPES. Tratava-se de elaborar não apenas um projeto acadêmico, mas uma justificativa para a existência de uma nova oferta de formação *stricto sensu* em uma região que até então não dispunha dessa possibilidade.

O PPGE foi aprovado pela CAPES em 2014 (Figura 15) e iniciou suas atividades em janeiro de 2015. Na condição de presidente da proposta de criação, assumi também sua primeira coordenação, o que significou vivenciar diretamente a passagem entre a elaboração de uma proposta e o início de um programa de pós-graduação (Figura 16).

Figura 16 – Reportagem no Jornal do Pontal com destaque para o lançamento do Mestrado em Geografia do PPGE (2014)



Fonte: Rosendo, 2026. (2026).

Essa transição revelou-se particularmente desafiadora porque o Programa nasceu em um cenário de fortes limitações orçamentárias. Já em seu primeiro ano, não recebeu recursos

do Programa de Apoio à Pós-graduação (PROAP), por ter iniciado suas atividades após o planejamento orçamentário. No ano seguinte, o primeiro montante recebido foi inferior a R\$ 4.000,00. As verbas destinadas à participação de docentes e discentes em eventos, trabalhos de campo, convite a pesquisadores externos, mobilidade acadêmica e presença em bancas eram, portanto, extremamente escassas.

Essas circunstâncias exigiram que a coordenação fosse muito além da gestão dos recursos disponíveis. Foi necessário buscar alternativas, firmar parcerias, mobilizar a comunidade acadêmica e desenvolver estratégias para que um programa recém-criado pudesse oferecer um suporte mínimo para o início de suas atividades. Essa experiência foi muito importante para minha formação como gestora, pois me mostrou que administrar uma estrutura acadêmica em processo de implantação significa, muitas vezes, criar as condições que ainda não existem. Isso implica planejar em cenários de incerteza, articular pessoas e instituições, captar recursos, negociar internamente e, sobretudo, pensar coletivamente uma perspectiva de futuro.

A vivência no PPGEp também consolidou em mim uma compreensão mais ampla sobre o sentido da interiorização da Pós-graduação. Criar um programa em Ituiutaba não significava simplesmente aumentar o número de cursos existentes no país. Significava ampliar territorialmente o acesso à formação científica, qualificar profissionais que atuavam no Pontal do Triângulo Mineiro e produzir conhecimento relacionado às questões e demandas de uma região historicamente distante dos principais centros de produção acadêmica.

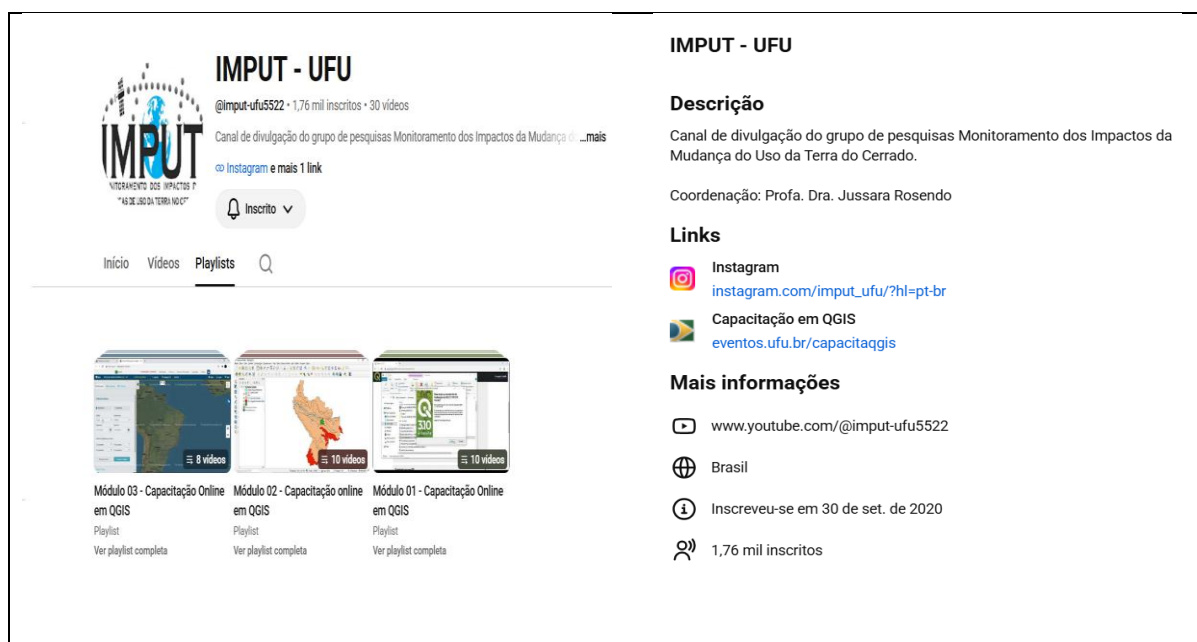
Ao longo dos anos, essa inserção regional passou a coexistir com uma ampliação do alcance do Programa, que recebeu estudantes de diferentes estados brasileiros e de outros países. Essa combinação entre compromisso territorial e projeção científica mais ampla tornou-se, para mim, uma das características mais importantes de uma universidade pública localizada no interior.

A implantação do PPGEp também se articula com um percurso mais amplo de conquista de espaços de pesquisa. Desde 2011, exerço a coordenação do Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto, que se consolidou como suporte para atividades de pesquisa, formação de estudantes e desenvolvimento de projetos envolvendo geotecnologias.

Desde então, a coordenação do laboratório representou não apenas administrar equipamentos e infraestrutura, mas criar condições para que sucessivas gerações de estudantes e pesquisadores tivessem acesso a recursos, metodologias e experiências de investigação. O laboratório tornou-se, assim, parte de um esforço coletivo de produção do conhecimento que extrapola minha pesquisa individual.

Essa atuação foi acompanhada pela liderança de grupos e núcleos de pesquisa. Entre essas iniciativas, destaco o grupo IMPUT – Impacto das Mudanças de Uso da Terra no Cerrado, no qual a liderança científica também se desdobrou em iniciativas de divulgação do conhecimento. A criação de um canal no YouTube, que superou mil inscritos, representa um exemplo de como as atividades de pesquisa podem alcançar outros públicos e assumir formas de circulação que ultrapassam os espaços tradicionais da universidade (Figura 17).

Figura 17 – Canal IMPUT-UFU, no YouTube



Fonte: <https://www.youtube.com/@imput-ufu5522>.

Org.: Rosendo, 2026.

Recentemente (2021), assumi a coordenação do Núcleo de Pesquisas em Geoprocessamento Aplicado a Mapeamentos Ambientais (NEPEGAMA), fundado pelo Prof. Dr. Roberto Castanho no contexto do Edital FINEP de 2007. Essa função acrescenta a responsabilidade de dar continuidade a uma base científica construída anteriormente, preservando seu legado e, simultaneamente, ampliando suas possibilidades de atuação.

Outra frente importante desse caminho foi o envolvimento na organização da vida acadêmica do Campus Pontal. Desde o I GEOPONTAL, em 2009, estive envolvida em diferentes edições deste evento, ciclos de debates, seminários e outras atividades acadêmicas. Em 2018, atuei como coordenadora do X Encontro de Geografia do Pontal. Também participei de comissões científicas de eventos e de atividades voltadas à integração da comunidade universitária.

Nos últimos anos, colaborei na organização das quatro edições do Encontro Técnico-Científico Integrado dos Grupos PET (Re) Conectando e Matemática, do Pontal, e de atividades de recepção aos ingressantes, abordando as possibilidades, os desafios e a permanência na universidade.

Essas ações podem parecer, à primeira vista, distintas das funções de coordenação de um Programa de Pós-graduação ou de um laboratório de pesquisa. Entretanto, ao revisitá-las em conjunto, percebo que elas expressam a mesma concepção de universidade, uma instituição que precisa ser continuamente vista como espaço de conhecimento, formação, convivência e participação.

A partir de 2022, passei também a exercer a função de editora da revista científica *Brazilian Geographical Journal*, o que acrescentou um novo desafio. Atuar como Editora-chefe de uma revista com Qualis A3 ampliou minha inserção no processo de circulação e avaliação do conhecimento científico, envolvendo a organização de fluxos editoriais, a interlocução com autores e pareceristas e o acompanhamento de trabalhos submetidos à publicação. Essa função se articula ainda com meu trabalho como parecerista ad hoc de projetos de pesquisa e de artigos científicos, tanto no âmbito da UFU quanto para vários periódicos nacionais. São tarefas que, embora muitas vezes realizadas de forma silenciosa, fazem parte da engrenagem que sustenta a produção e a avaliação da ciência.

Paralelamente às atividades de coordenação, meu percurso inclui passagem por várias instâncias colegiadas e comissões institucionais. Destaco a comissão responsável pela estruturação do programa de pós-graduação, a Coordenação de Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a Comissão de Estágio Probatório do Curso de Geografia, a representação da FACIP no Conselho Municipal de Meio Ambiente de Ituiutaba e a Coordenação de Estágio de Bacharelado, entre outros. Essas funções ampliaram minha compreensão sobre a universidade como uma instituição que se relaciona permanentemente com diferentes escalas: a sala de aula, o departamento ou curso, o campus, a universidade, a comunidade científica e a sociedade.

Durante esse tempo, foram muitas as bancas de avaliação de Trabalhos de Conclusão de Curso (27), de qualificação de Mestrado (8) e Doutorado (2), além das defesas de Mestrado (15) e Doutorado (8). Essas atividades, consideradas produção técnica, se alinham a outras voltadas à divulgação do conhecimento, como a composição e abertura de mesas em eventos científicos (18), a realização de palestras (10) ou a concessão de entrevistas (5).

Ao olhar para minha experiência de gestão em perspectiva, identifico, portanto, um percurso que vai da participação à liderança e da liderança ao fortalecimento institucional. Não se trata apenas da quantidade de funções exercidas, mas da natureza das responsabilidades assumidas. Participei da criação de um programa de Pós-graduação quando ele ainda era uma proposta; coordenei sua implantação quando não havia nenhuma estrutura organizacional; acompanhei a consolidação de laboratórios e núcleos de pesquisa; liderei grupos e projetos; integrei equipes de pesquisa; organizei eventos e espaços de formação; participei de instâncias colegiadas; e, mais recentemente, assumi a gestão editorial de uma revista científica.

Essas experiências produziram em mim uma compreensão de gestão como trabalho acadêmico de construção coletiva. Coordenar significa, muitas vezes, lidar com recursos insuficientes, conciliar interesses, tomar decisões difíceis e assumir responsabilidades que não aparecem necessariamente nos indicadores tradicionais da produção científica. Envolve também criar oportunidades para que outras pessoas possam pesquisar, ensinar, aprender e se desenvolver. Por isso, considero que uma das contribuições mais importantes de minha dedicação à gestão foi justamente auxiliar na melhoria das condições para o trabalho acadêmico de outros docentes, pesquisadores e estudantes.

Essa perspectiva é ainda mais significativa quando penso na história do Campus Pontal. Minha vida profissional se desenvolveu simultaneamente ao crescimento de uma universidade que ainda estava formando sua identidade, suas estruturas e sua inserção regional. Participar desse processo fez com que minha carreira acadêmica não se restringisse à produção individual. Em vários momentos, fui chamada a contribuir com instâncias coletivas e aceitei essas responsabilidades compreendendo-as como parte do compromisso com a universidade pública.

É nesse sentido que compreendo que minha experiência na UFU, não é pautada apenas como uma sucessão de cargos ocupados, mas como parte de um processo mais amplo de fortalecimento da universidade no interior do Brasil. A implantação do PPGEP, a coordenação do Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto, a liderança de grupos e núcleos de pesquisa, a participação em projetos coletivos, a organização da vida acadêmica e a atuação editorial são diferentes expressões de um mesmo compromisso. Em todas essas experiências, procurei contribuir para que a universidade pudesse cumprir sua função científica, formativa e social, criando, dentro das possibilidades e das limitações de cada momento, condições para que o conhecimento fosse produzido, compartilhado e colocado a serviço da sociedade.

CAPÍTULO IX

Laços de amor e amizade

Desejei que esse exercício de escrita assumisse um caráter mais pessoal, capaz de expressar que minha jornada acadêmica não foi constituída apenas por aspectos funcionais, atribuições institucionais e resultados objetivos, mas também por escolhas, atitudes e ações que revelam traços da minha personalidade e da minha própria experiência de vida.

Ao revisitar o passado, as memórias, os lugares e as experiências compartilhadas com as pessoas que cruzaram meu caminho, percebo que algumas delas tiveram um impacto significativo na minha formação e na maneira como compreendo e exerço a profissão. São essas presenças, por tudo o que deixaram, que pretendo retomar nesta seção final.

Naturalmente, nem todas as relações foram igualmente positivas ou inspiradoras. Entretanto, este não será um espaço dedicado ao ressentimento ou à exposição de conflitos. Algumas vivências, por mais difíceis que tenham sido, também contribuíram para que eu reconhecesse meus próprios valores, estabelecesse limites e compreendesse com maior clareza o tipo de profissional e de colega que desejo ter ao meu lado.

A vida acadêmica e profissional torna-se mais rica e, em muitos aspectos, mais possível quando encontramos parceiros de trabalho com os quais compartilhamos afinidades, compromissos e formas semelhantes de compreender a universidade. Entre as qualidades que sempre busquei nas parcerias, destaco a capacidade de traduzir objetivos em resultados concretos.

Para mim, uma parceria valiosa é aquela que permite que ideias, inicialmente restritas ao plano das intenções, ganhem forma, ocupem espaços institucionais e produzam efeitos duradouros. Muitas ações das quais participei nasceram dessa disposição para construir coletivamente e resultaram na formação de estudantes e profissionais capacitados para atuar na Geografia, tanto na Graduação quanto na Pós-graduação.

Trabalhar em grupo, contudo, não é uma tarefa simples. Essa não é uma percepção exclusivamente minha. Em conversas com colegas recém-chegados à universidade ou já aposentados, encontro, com frequência, uma compreensão semelhante acerca da distribuição desigual das responsabilidades e da sobrecarga que recai sobre aqueles que se envolvem mais diretamente com as atividades institucionais.

Comissões, colegiados, núcleos docentes estruturantes e outras instâncias fundamentais para o funcionamento da universidade dependem da participação efetiva de seus integrantes. Quando ela não ocorre de forma equilibrada, o trabalho tende a se concentrar em um número reduzido de pessoas, tornando as tarefas coletivas mais desgastantes.

Talvez por essa razão eu tenha aprendido, ao longo do tempo, a escolher com cuidado os parceiros de pesquisa e quem integra as comissões e os colegiados. Não se trata somente de reunir pessoas com habilidades complementares, mas de estabelecer relações nas quais exista afinidade de propósitos, compromisso com o trabalho e disposição para transformar ideias em ações. São essas convergências que, a meu ver, tornam possível implementar algo que ultrapasse o esforço individual e se converta em uma realização verdadeiramente coletiva.

É importante reconhecer as inspirações que encontrei pelo caminho. Muito do que me tornei como docente, pesquisadora e pessoa carrega as marcas do que vivi durante toda a minha caminhada. Desde o Ensino Médio, com as professoras de Geografia Zaira e Márcia, até a graduação e os anos que se seguiram, encontrei docentes que contribuíram de diversos modos para minha formação.

Todos os professores e as professoras deixam marcas no processo de aprendizagem, mas alguns se tornam inesquecíveis, não apenas pelo conhecimento que transmitem, mas pela forma como nos fazem compreender o mundo e a nós mesmos. Entre essas presenças, lembro especialmente das professoras Margarete, Beatriz Ribeiro, Vera Salazar, Edson Sano e do professor Roberto Rosa, entre tantos outros que estiveram nessa jornada. Cada um, a seu modo, exerceu uma influência que ultrapassou os limites da sala de aula e contribuiu para transformar minha maneira de pensar, ensinar e fazer Geografia.

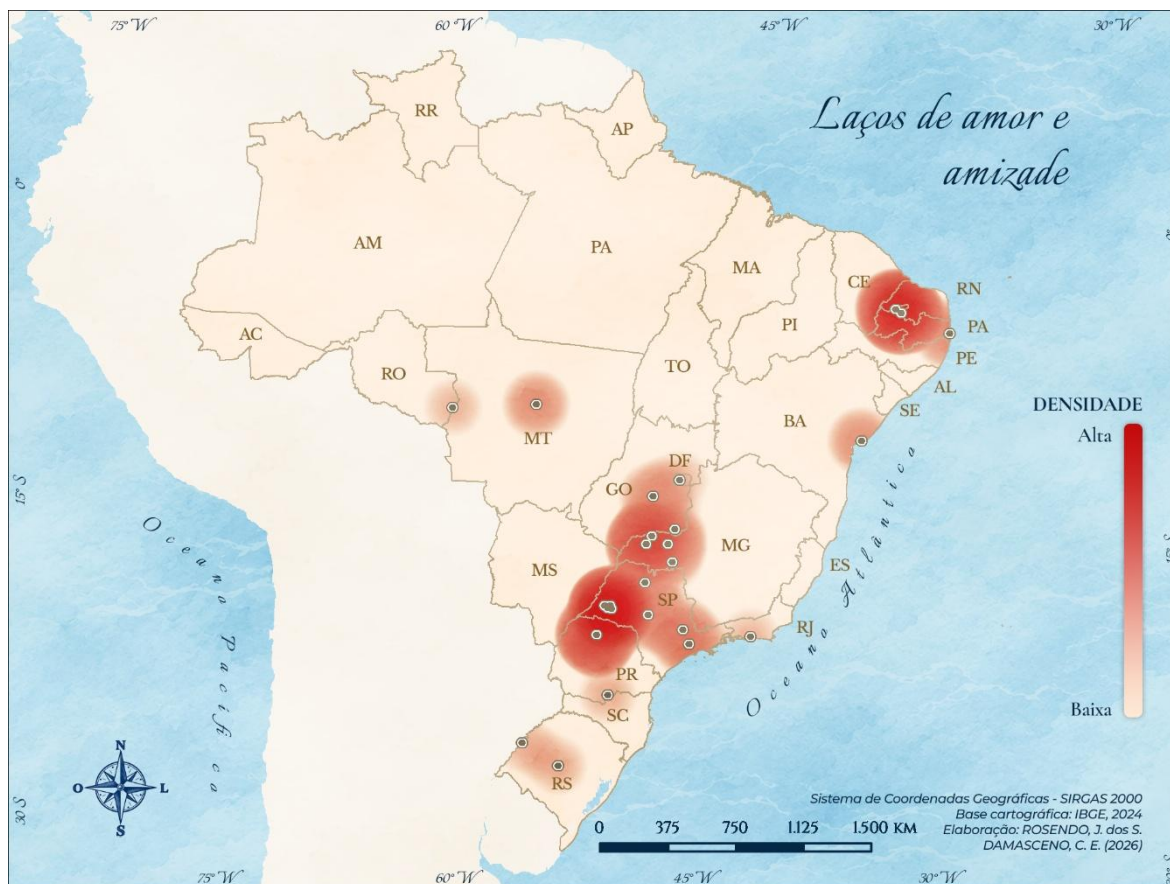
Cabe também falar dos colegas de trabalho, sobretudo daqueles com quem pude dividir não só as tarefas acadêmicas, de gestão, pesquisa, extensão e ensino, mas também momentos de descontração, amizade e convivência. Esses laços contribuem para tornar o ofício mais acolhedor e lembram que, por trás das funções e responsabilidades institucionais, existem pessoas, percursos e afetos.

Não desejo mencionar nomes para não incorrer no risco de esquecer alguém, mas as parcerias de projetos de pesquisa, de extensão, de comissões, de trabalhos de campo, de laboratórios durante a Graduação, o Mestrado, o Doutorado, as bancas, os ex-alunos são exemplos disso.

As pausas para o café, os encontros depois do expediente, os happy hours regados a chope gelado nas tardes quentes, os sons de rock e as festas no ambiente universitário também compõem esse percurso. São momentos aparentemente simples, mas que, com o tempo, se transformam em memórias preciosas. A universidade me deu amigos e amigas, e alguns desses vínculos permaneceram por esses 18 anos, acompanhando diferentes fases da minha vida acadêmica e pessoal. São essas amizades, iniciadas na convivência e consolidadas pelos anos, que levo comigo e que, espero, ainda perdurem por muito tempo.

Para representar os laços de amor e de amizade, optei por elaborar um mapa de intensidade, cujo banco de dados nomeia essas pessoas, mas nesta escrita final eu apresento a concentração e a força desses laços, indicando os lugares onde elas residem (Figura 18).

Figura 18 – Laços de amor e amizade



Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

Ao analisar o mapa, verifica-se uma forte concentração no interior de São Paulo, representada, principalmente, pelos municípios de Martinópolis, Caiabu e Presidente Prudente. Lugares onde, anualmente, reencontro meus pais, meus irmãos, minhas cunhadas, meu sobrinho e os primos e tios com quem sempre mantenho contato. No centro do estado de São Paulo, estão a família do meu marido, assim como na Bahia, para onde nos deslocamos frequentemente. Na Paraíba, grande parte da família paterna e materna ainda reside, e as visitas ficaram mais escassas com a partida dos meus avós.

No Triângulo Mineiro estão dezenas de amigos e colegas de trabalho, aqueles que dividiram os laboratórios durante o Mestrado, o Doutorado, a docência, aqueles que passaram de meros colegas de comissão e tornaram-se parte dos ciclos mais íntimos, aqueles a quem abro as portas da minha morada para oferecer, além de um bom papo, comida boa e cerveja gelada. Espalhados por diversas localidades estão os amigos da época da escola, colegas de profissão que retornaram às suas origens, companhias de laboratório, familiares e até mesmo amigos que a cidade de Ituiutaba nos deu.

Obviamente, nem tudo são flores, e nem todo caminho é feito de rosas. Nesse trajeto, também encontrei dificuldades, conflitos e situações que exigiram resiliência, reflexão e, por vezes, a necessidade de estabelecer limites. Cabe reconhecer que o ambiente acadêmico, embora seja um espaço de produção de conhecimento, formação e convivência, também pode ser atravessado por relações desgastantes, disputas e práticas que comprometem o bem-estar daqueles que dele participam.

Em diálogos com colegas de outras instituições, percebo que essa não é uma realidade isolada. Compartilhamos, com frequência, a preocupação com situações em que a falta de ética, o individualismo ou a dificuldade de lidar com as diferenças acabam tornando a docência mais penosa e menos prazerosa. Em determinadas circunstâncias, divergências de opiniões, de perspectivas teóricas ou de metodologias de trabalho deixam de ser tratadas como parte natural do debate acadêmico e passam a produzir afastamentos, rupturas e conflitos pessoais.

Esses episódios me fizeram compreender que um ambiente universitário saudável exige mais do que capacidade técnica ou compromisso com as rotinas institucionais. Requer também respeito, diálogo, responsabilidade e reconhecimento da legitimidade das distintas formas de pensar e de fazer. A divergência, quando acolhida como parte do processo coletivo, pode ser produtiva; quando acompanhada de desqualificação ou de atitudes que desconsideram o outro, tende a fragilizar as relações e comprometer o próprio sentido de comunidade acadêmica.

Em 2026, Ituiutaba completou 125 anos, e há 18 anos esta cidade me acolheu, tornando-se não só o lugar onde desenvolvo minha atividade profissional, mas também o espaço em que construí parte fundamental da minha vida. Desde que tomei posse, decidi que ela seria minha residência e que aqui era o meu lugar. Essa escolha, inicialmente relacionada à vida profissional, foi se materializando por meio dos vínculos que estabeleci com a cidade e com as pessoas que nela vivem.

É importante destacar alguns desafios que mudaram drasticamente o modo como o trabalho docente era realizado. O primeiro deles foi a maternidade. Foi praticamente impossível retomar, até hoje, a mesma produtividade de antes das duas licenças-maternidade, pois residir em uma cidade sem rede de apoio e sem escola de tempo integral, com todas as demandas que a educação de duas crianças requer, é uma tarefa árdua. Embora os dados do meu Currículo Lattes apontem que houve, sim, uma queda no rendimento profissional, acredito ter buscado desenvolver com excelência as atividades de que fui incumbida.

A esse respeito, é importante mencionar que não há uma política efetiva de apoio às pesquisadoras que se tornam mães. Muito embora as agências de fomento (CNPq e FAPEMIG) estejam “tentando” atender a essa necessidade, considero os mecanismos adotados ainda incipientes.

Vou mencionar o exemplo que percebi nos últimos editais de Demanda Universal (FAPEMIG e CNPq) e de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (CNPq), observei a ampliação em dois anos do prazo para avaliação do currículo Lattes. Infelizmente, essa medida não mitiga o impacto do afastamento por parto ou adoção na carreira científica, pois é praticamente impossível retomar os mesmos padrões de produtividade de antes.

Outro fato que merece destaque como desafio foi ter atravessado uma Pandemia de COVID-19. Hoje, é possível olhar para aquele período como um aprendizado de novas técnicas, metodologias de ensino, encurtamento de distâncias com a possibilidade de participações remotas em diversas atividades. Todavia, a troca de saberes e experiências só é possível com o contato presencial.

Foi essa necessidade de reencontrar pessoas que me motivou a realização desta banca de maneira presencial. Todavia, o pedido foi indeferido pela ausência de recursos, e readequada para ser híbrida.

Posso concluir que minha atuação na formação de recursos humanos, na gestão, no desenvolvimento de pesquisas e no envolvimento com projetos de extensão contribuiu, de forma distinta, para o avanço de Ituiutaba e da região. A universidade não atua de forma isolada,

mas integra uma rede de relações que envolve a formação de profissionais, a produção e a disseminação do conhecimento e a aproximação com as demandas da sociedade.

Ter chegado à cidade há 18 anos e ter acompanhado suas transformações, suas conquistas e seus desafios é uma experiência particularmente gratificante. Observar mudanças nas condições de vida, na educação e nas possibilidades de formação permite reconhecer, ainda que de forma complexa e gradual, a importância das instituições públicas e, em particular, da universidade pública como elementos de desenvolvimento regional. Fazer parte dessa história, como professora e pesquisadora, confere um sentido especial à minha jornada e reforça meu compromisso com a instituição, com a cidade e com a sociedade que ela busca servir.

CAPÍTULO X

O mapa continua em constante atualização

A fase final da elaboração de um bom mapa requer um olhar atento e detalhista, que somente a maturidade consegue proporcionar. Passamos a retirar os signos que não fazem mais sentido, mantendo apenas aqueles cujos significados são mais relevantes. Essa perspectiva possibilita analisar o mapa de modo mais abrangente, identificando, além do lugar onde estamos, os caminhos já percorridos e os que ainda serão desenhados.

Depois de 18 anos de uma vida profissional marcada por conquistas, posso constatar que os desvios, as pausas e as estradas difíceis fazem parte da cartografia da nossa existência. E, embora a Geografia não tenha sido uma opção consciente, tornou-se uma escolha com o tempo, que me levou a participar do processo de consolidação do Campus Pontal, firmar uma carreira e, sobretudo, construir uma vida em Ituiutaba.

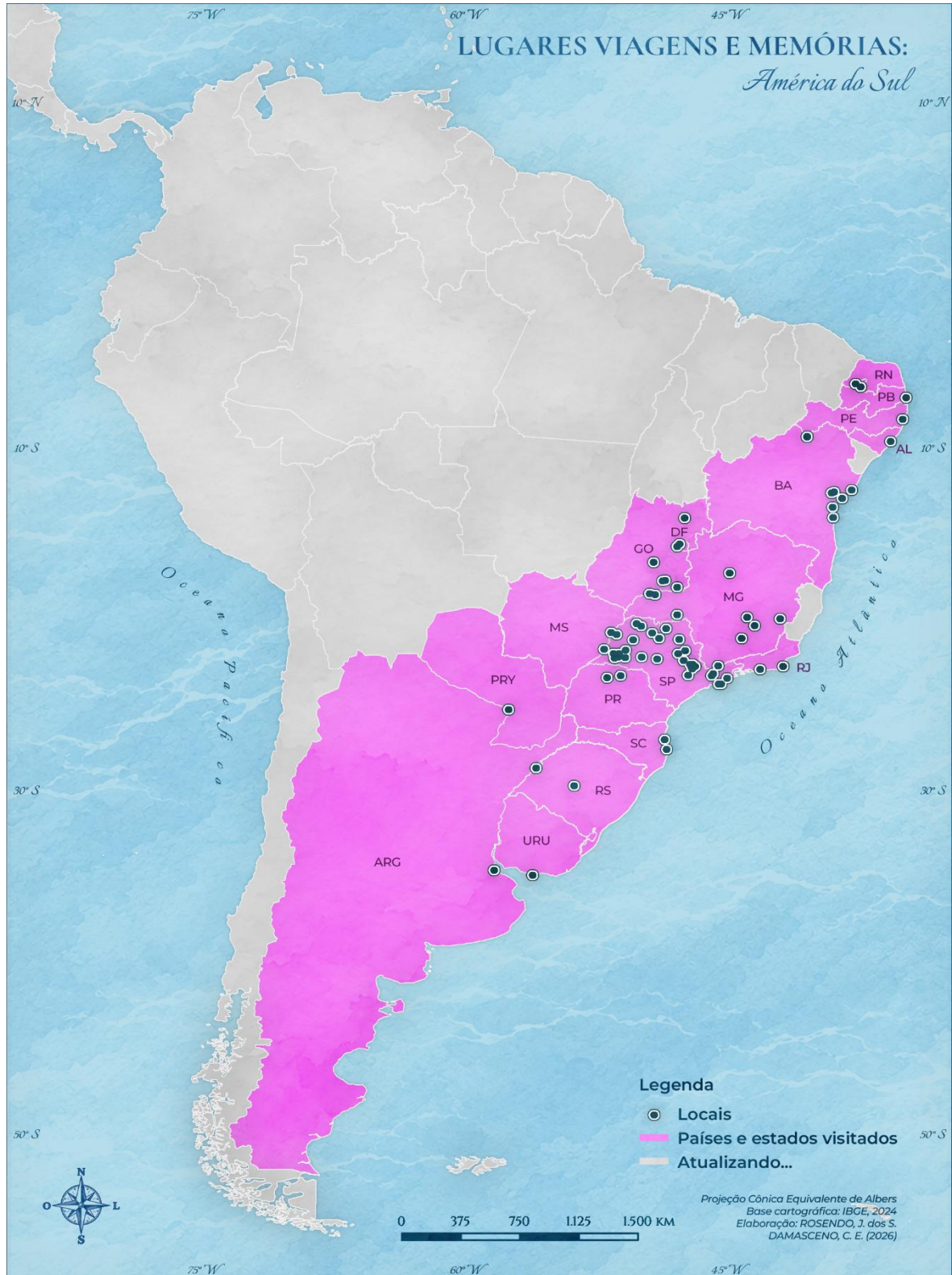
Apesar de ter chegado ao último nível da progressão docente em uma Universidade Federal, pretendo colaborar com a melhoria do ensino no município e na região, na produção de conhecimento, na captação de verbas e, principalmente, na formação de recursos humanos preparados para ocupar variados espaços e atuar como profissionais qualificados.

A gestão nunca foi um fardo, pois a conexão direta com colegas que compartilham o mesmo engajamento deixou o trabalho muito mais prazeroso. Finalizar com responsabilidade e comprometimento aquilo que se propõe a fazer é fundamental para garantir o êxito. Foi assim com a Coordenação de Área, com a criação do PPGEF e continua sendo com a atual proposta de criação do Doutorado.

A tutoria do PET (Re)Conectando despertou em mim uma vocação para a extensão pouco explorada até o meu ingresso nesse valioso grupo. Hoje, tenho clareza do valor dessa prática na aproximação entre a Universidade e a sociedade. Atuar em frentes distintas, que perpassam a Congada, o meio acadêmico e os estudantes das escolas públicas, é especialmente gratificante.

Eu costumo dizer que não vim a este mundo a passeio. Todavia, foi justamente o desejo de conhecer outros lugares, ou seja, de “passear”, numa visão de senso comum, que me motivou a cursar Geografia e que virou uma das minhas paixões (Figura 19).

Figura 19 – Lugares visitados na América do Sul, sozinha ou em família



Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

Das muitas coisas que aprendi com a Geografia, continuo encantada com a possibilidade de conhecer novos lugares. Além dos trabalhos de campo, o gosto pelas viagens me permitiu, sempre que possível, levar meus filhos para desbravar outros lugares, paisagens e culturas.

Quero lhes deixar este legado: aprender a teoria pela perspectiva da visita *in loco*. No Brasil, essas vivências são frequentes. Nossas famílias residem em estados diferentes, por isso viajamos todos os anos a Martinópolis (SP), Bauru (SP) e Salvador (BA).

Os amigos espalhados por diversas localidades também nos permitiram levar as crianças a São Paulo (SP), Caldas Novas (GO), Catalão (GO), Rio Quente (GO), Brasília (DF), Uberlândia (MG), Ubatuba (SP), Campinas (SP), Cosmópolis (SP), Presidente Bernardes (SP), Presidente Prudente (SP), Cachoeira Dourada (MG), Canápolis (MG), Olímpia (SP), Andradina (SP), Caiabu (SP) e Goiânia (GO), e já estamos definindo os próximos roteiros (Figura 19).

Na era da Inteligência Artificial (IA), as Geotecnologias encontram novos desafios e perspectivas que exigirão envolvimento e dedicação. Talvez seja também o momento de retomar um antigo plano que ainda não pude realizar que é o da capacitação no exterior.

Como já mencionei, a maternidade trouxe mudanças à minha carreira acadêmica, e foi preciso readequar rotinas, participação em atividades e planos individuais. Houve, porém, uma vivência que mostrou ser possível conciliar parentalidade e capacitação quando passei 40 dias com as crianças na Alemanha, durante o estágio de Pós-doutorado do meu marido (2023).

Esse deslocamento para outro país, com crianças pequenas (à época com 5 e 8 anos), foi extremamente enriquecedor para elas. Pude, inclusive, exercer minha vocação docente com alunos do ensino fundamental (risos) ao explicar, por exemplo, a diferença cultural entre Brasil e Alemanha no incentivo à malha ferroviária. Em um percurso de trem rápido de Heidelberg até Paris (Figura 20), os pequenos tiveram momentos fascinantes ao experienciar o movimento, a troca de estações e as paisagens dos diversos países que “mudavam” pela janela.

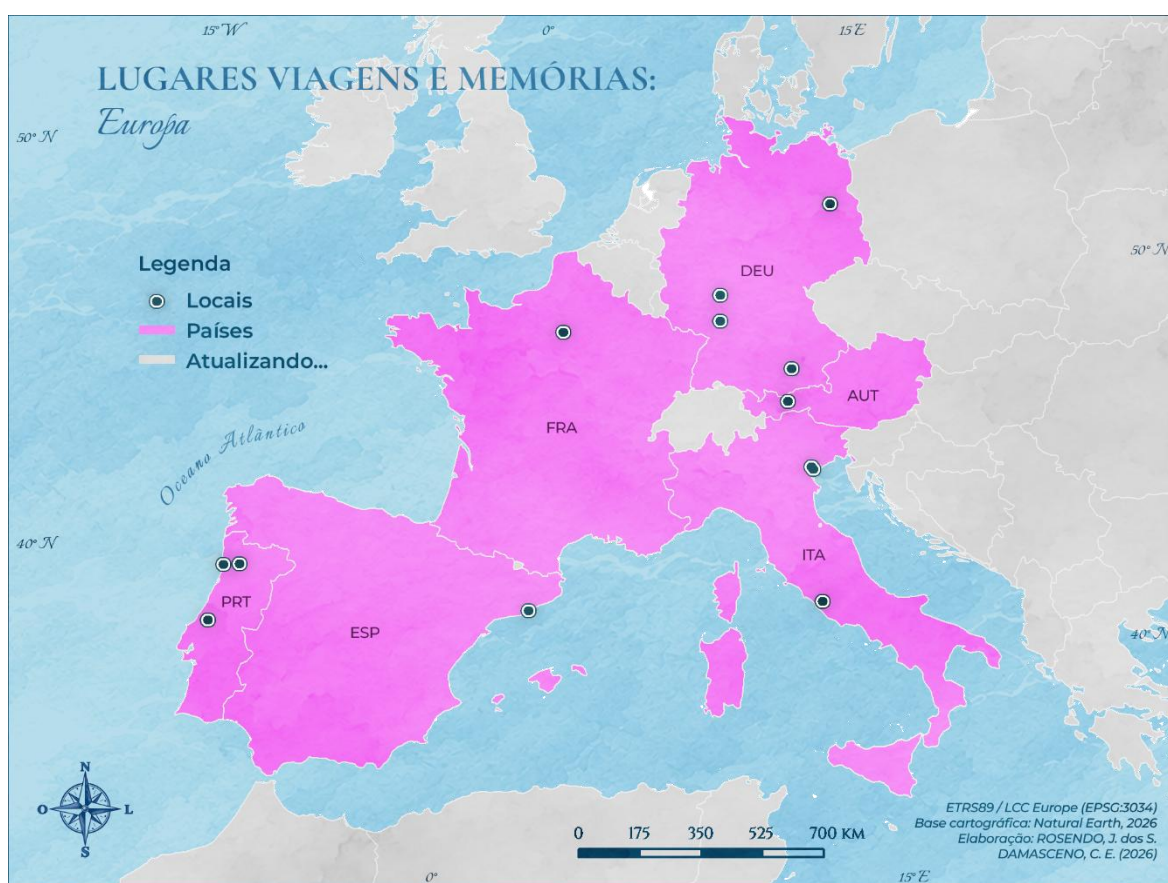
Também foi lá que elas vivenciaram um contraste curioso quando pela manhã choveu e, à tarde, nevou. Quando a temperatura chegou a zero grau, o cenário se modificou por completo. Entre brincadeiras com bolas e bonecos de neve, os dois, indignados, questionaram o fato de não nevar na nossa cidade.

Reconheço que carrego grande parte da responsabilidade pelo encantamento que meus filhos cultivam pelas viagens. Além das inúmeras fotografias feitas nos lugares por onde passei,

tanto no Brasil quanto no exterior, o fato de terem uma mãe geógrafa pode ter incentivado ainda mais essa vontade.

Com o passar dos anos, fui lhes apresentando o mundo como quem elabora um mapa sem roteiro fechado, mas com um convite constante à curiosidade. Hoje, vejo neles o desejo de descobrir outros horizontes e de se aventurar por conta própria, e percebo que esse impulso nasceu, em boa medida, das trilhas que fizemos juntos.

Figura 20 – Lugares visitados na Europa, sozinha ou em família



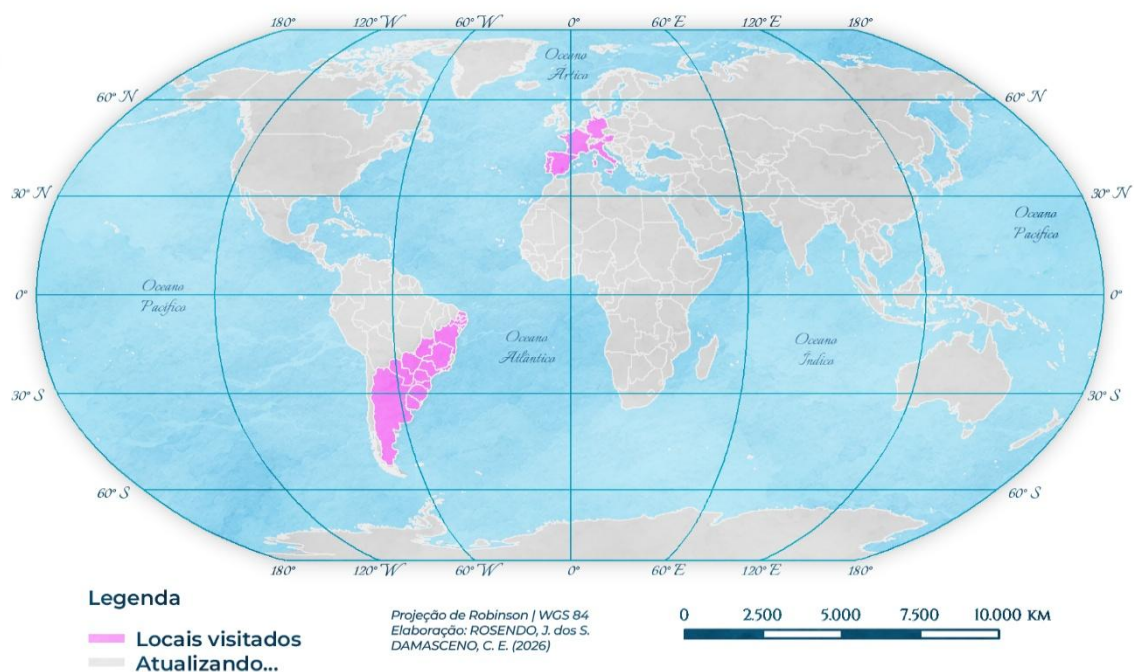
Elaboração: Rosendo e Damasceno, 2026.

Talvez eu possa encerrar este memorial refletindo que, de certa forma, eu também vim a este mundo a passeio. É o que demonstra o mapa da Figura 21, que representa os estados e países que visitei.

Durante a jornada até aqui, percebi que esse "passeio" foi muito além de circular por lugares, me permitiu encontrar pessoas, tomar decisões, fazer desvios e, sobretudo, descobrir que uma vida profissional também é feita das vivências que nos transformam.

Figura 21 – Lugares, viagens e memórias

O MAPA CONTINUA EM CONSTANTE ATUALIZAÇÃO



O mapa, portanto, não está concluído. Ele permanece aberto a novas atualizações, rotas, lugares, paisagens e histórias. Afinal, enquanto houver caminhos a percorrer, pessoas a encontrar, conhecimento a produzir e Geografia a ensinar, a minha trajetória seguirá sendo (re)desenhada.

ANEXO A

**Tabela de produção acadêmica apresentada no processo de
promoção à Classe E – Professor Titular**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE GEOGRAFIA



Jussara dos Santos Rosendo

Relatório para fins de Promoção da carreira
docente para o período de 20/10/2024 a
20/10/2026

Ituiutaba, julho de 2026

À Profa. Dra. Gerusa Gonçalves Moura – Diretora do Instituto de Ciências Humanas (ICHPO), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Ituiutaba, 20 de julho de 2026

Prezada Diretora,

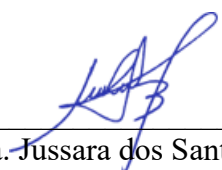
Eu, professora **Jussara dos Santos Rosendo**, professora Associada nível 4, lotada na UFU em 01 de março de 2008, com registro SIAPE número **2413458**, solicito encaminhamento para providências quanto ao meu processo de avaliação de relatório de atividades para fins de promoção na carreira docente para a categoria D, nível 1, Titular. O relatório de atividades a ser avaliado compreende o período de 20/10/2024 a 20/10/2026, todavia as atividades listadas foram contabilizadas e comprovadas até a data de inserção do relatório no SEI/UFU (20/07/2026).

As pontuações de todo o período estão descritas no quadro 1, referenciadas de acordo com a resolução 03/2017 do Conselho Diretor (CONDIR), da Universidade Federal de Uberlândia. No anexo 1, consta o relatório das atividades cuja pontuação encontra-se comprovada no processo disponibilizado no ambiente SEI.

Quadro 1 – Resumo da pontuação obtida durante o interstício de promoção docente, conforme resolução 03/2017 do CONDIR-UFU.

Tabela	Tipo de Atividade	Pontos	
A1.1	Atividades de Ensino	448	
A1.2	Atividades de Orientação	445	
A1.3	Produção intelectual e técnica (1535+195)	1730	
A1.4	Atividades de ensino, extensão e pesquisa - sem remuneração suplementar	483	
A.1.6	Atividades de Gestão	602	
A.1.7	Licenças e Afastamento	369,83	
TOTAL		4.077,83	

Atenciosamente,


Prof. Dra. Jussara dos Santos Rosendo

Relatório das Atividades

ASSUNTO: Promoção de Associado nível 4, para Titular nível 1

PROFESSORA: Jussara dos Santos Rosendo

Matrícula SIAPE: 2413458

CURSO: Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO)

INTERSTÍCIO: 20/10/2024 a 20/10/2026

PERÍODO CONSIDERADO: 20/10/2024 a 20/07/2026

ANEXO 1 – Resolução 03/2017-CONDIR

A1.1 – ATIVIDADES DE ENSINO			
1	Aula teórica ou prática de componentes curriculares	1 ponto Por hora-aula ministrada	
	ICHPO31005-Trabalho de Conclusão de Curso II - Bacharelado- 09/06/2026 a 29/09/2025 – 60 horas (72 pontos)	72	
	ANÁLISE ESPACIAL DISCIPLINA DIVIDIDA COM ALÉCIO MARTINS	32	
	GGO043-Trabalho de Conclusão de Curso II– 09/06/2026 a 29/09/2025 – 60 horas (72 pontos)	72	
	GGO038 - Gestão Ambiental II- Noturno – 20/10/2025 23/03/2026 (72 pontos)	72	
	ICHPO31803- Geoprocessamento – Matutino – 20/10/2025 23/03/2026 (72 pontos)	72	
	ICHPO31803- Geoprocessamento – Noturno – 20/10/2025 23/03/2026 (72 pontos)	72	
	ICHPO31305- SENSORIAMENTO REMOTO– Matutino- 08/06/2026 a 20/07/2026 (28 pontos) Atestado médico (08/04/2026 – 24/05/2026) Paralisação discente (01/06/2026 – 13/06/2026) Aulas contabilizadas (08/06/2026 – 20/06/2026) Total: 28 aulas	28	
	ICHPO31305- SENSORIAMENTO REMOTO– Noturno- 08/06/2026 a 20/07/2026 (28 pontos) Atestado médico (08/04/2026 – 24/05/2026) Paralisação discente (01/06/2026 – 13/06/2026) Aulas contabilizadas (08/06/2026 – 20/06/2026)	28	

	Total: 28 aulas		
	Subtotal	448	

A1.2 – ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO			
15	Orientação de alunos PIBIC e PET	1 ponto por mês	
	PIBIC – Érik Donis de Melo 01/09/2024 a 31/08/2025,	22	
	Amanda Goncalves Lucas (de 27/02/2023 a 28/10/2025);	12	
	Andrezza Goncalves Lucas (de 03/05/2022 a 28/10/2025);	12	
	Cassio Duarte Ferreira (de 03/05/2022 a 28/10/2025);	12	
	Herlan Oliveira Matildes (de 24/02/2023 a 01/04/2026);	18	
	Larissa De Matos Pedro (de 09/08/2023 a 29/07/2025);	10	
	Luciene Paulino Rodrigues (de 08/05/2023 a 28/10/2025);	12	
	Micaele Goncalves De Jesus (de 03/05/2022 a 29/07/2025);	10	
	Biatriz Felipe de Siqueira (de 01/10/2025 até a data atual);	10	
	Flávia Araújo de Lucena (de 01/10/2025 até a data atual);	10	
	Giovanna Melo de Sousa (de 01/10/2025 até a data atual);	10	
	Joana Queiroz Ambrósio Alexandria Pinheiro (de 08/05/2023 até a data atual);	10	
	Maria Eduarda Godoi (de 01/10/2025 até a data atual);	10	
	Náthaly de Souza Fabiano (de 01/10/2025 até a data atual);	10	

	Maria Eduarda Pereira Silva (de 01/10/2025 até a data atual);	10	
	Ismaelly Victoria Marcelino da Silva (de 08/05/2023 até a data atual);	22	
	Larissa Machado da Silva (de 04/10/2024 até a data atual);	22	
	Lauany Vitória Pereira Silva (de 08/05/2023 até a data atual);	22	
	Júlia Ribeiro do Vale (de 09/08/2023 até a data atual);	22	
	Laura Mariane Ramos do Nascimento e Silva (de 03/10/2024 até a data atual);	22	
19	Orientação de dissertação de mestrado	2,5 pontos por mês completo	
	Diego Oliveira de Aquinos - 22512GEO016 - Jussara dos Santos Rosendo - 28/02/2025 até a data atual	35	
	João Vitor Ferraz Paro - 22512GEO014 - Jussara dos Santos Rosendo - 28/02/2025 até a data atual	35	
	Leandro Guimarães Medeiros - 22512GEO019 - Jussara dos Santos Rosendo - 28/02/2025 até a data atual	35	
	Linda Alfiado Siquela - 22512GEO022 - Jussara dos Santos Rosendo - 20/05/2025 até a data atual	32	
	Lívia Prudente de Moraes - 22612GEO006 - Jussara dos Santos Rosendo - 27/02/2026 até a data atual	10	
	Paulo Richard Mariano Valentim - 22612GEO022 - Jussara dos Santos Rosendo - 27/02/2026 até a data atual	10	
	Subtotal	445	

A1.3 – PRODUÇÃO INTELECTUAL			
29	Artigo técnico-científico publicado em periódico qualificado pela CAPES	150 pontos Por trabalho	
	DIAS, BRUNA APARECIDA ; ROSENDO, Jussara dos Santos . DINÂMICA E RECONFIGURAÇÃO ESPACIAL DAS QUEIMADAS EM MINAS GERAIS: a relação com o uso e cobertura da terra (2010-2023). Brazilian Geographical Journal; v. 16, p. 72-90, 2026.	150	

	PEREIRA SILVA, LAUANY VITÓRIA ; OLIVEIRA MATILDES, HERLAN ; MARCELINO DA SILVA, ISMAELLY VICTÓRIA ; RIBEIRO DO VALE, JÚLIA ; MACHADO DA SILVA, LARISSA ; RAMOS DO NASCIMENTO E SILVA, LAURA MARIANE ; SANTOS ROSENDO, JUSSARA . . OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v. 17, p. 206-223, 2026.	150	
	DIAS, BRUNA APARECIDA ; BRITO, Jorge Luís Silva ; ROSENDO, Jussara dos Santos . Mapeamento dos riscos de queimadas e incêndios no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba -MG (Brasil). Physis Terrae, v. 6, p. 3-25, 2024.	150	
	FERREIRA NETO, A. M. ; ROSENDO, Jussara dos Santos . ESTUDO DA FRAGILIDADE POTENCIAL E EMERGENTE DA BACIA HIDROGRÁFICA DO CÓRREGO SÃO JOSÉ EM ITUIUTABA - MG. ESPAÇO EM REVISTA, v. 26, p. 72-89, 2024.	150	
	DUARTE, Cassio; MARCELINO, Ismaelly; ROSENDO, Jussara. RELATO DE EXPERIÊNCIA DO “PROJETO QUEIMADAS”: formação, conscientização e saberes territoriais em uma escola estadual de Ituiutaba-MG (2025). <i>Brazilian Journal of Research in Applied Social Sciences</i> , [S. l.], v. 5, n. 2, p. 01–16, 2026.	150	
31	Publicação de trabalho completo em anais de reunião científica, com corpo de revisores. Serão pontuadas as publicações comprovadas por cópia da folha de rosto do meio de divulgação do artigo e da primeira página do mesmo.	60 pontos por trabalho	
	ROSENDO, JUSSARA DOS SANTOS ; SANTOS, G. M. C. ; KOURLY, P. H. A. ; Matos, Patrícia Francisca de ; CASTANHO, Roberto Barboza ; MEDEIROS, L. G. ; DIAS, BRUNA APARECIDA ; MELO, E. D. . DATAcana: uma plataforma web para disponibilização de dados do cultivo da cana-de-açúcar em Minas Gerais. In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2025, Salvador, BA. XXI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2025. v. 1. p. 1-4.	60	
	DIAS, B. A. S. ; ROSENDO, Jussara dos Santos . CONVERSÃO DO USO DA TERRA PARA CANA-DE-AÇÚCAR NAS REGIÕES INTERMEDIÁRIAS DE UBERLÂNDIA E UBERABA-MG (2012-2023). In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2025, Salvador, BA. XXI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2025. v. 1. p. 1-4.	60	
	DIAS, B. A. S. ; BRITO, Jorge Luís Silva ; ROSENDO, Jussara dos Santos . ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL DOS RISCOS DE QUEIMADAS E INCÊNDIOS NO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA-MG (2017 E 2021). In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2025, Salvador, BA. XXI	60	

	Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2025. v. 1. p. 1-4.		
	RELATO DE EXPERIÊNCIA DO “PROJETO QUEIMADAS”: FORMAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO E SABERES TERRITORIAIS NA ESCOLA ESTADUAL PROFª MARIA DE BARROS – ITUIUTABA/MG (2025) – FISS 2025	60	
	IMPACTOS AMBIENTAIS ASSOCIADOS À EXPANSÃO CANAVIEIRA EM MINAS GERAIS – FISS 2024	60	
	POTÊNCIAS ESTRUTURAIS EDUCATIVAS: ATIVIDADES, AÇÕES E PROJETOS NUMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL NOS PLANEJAMENTOS ANUAIS DO PET (RE) CONECTANDO SABERES, FAZERES E PRÁTICAS 2022/2024 – XV Geopontal e VII SINGEP 2024	60	
33	Publicação de resumo em anais de reunião científica. Serão pontuadas as publicações comprovadas por cópia do resumo e da folha de rosto do meio de divulgação específico de resumo. Serão pontuadas as publicações não pontuadas nos itens 31 e 32 desta tabela.	20 pontos Por trabalho	
	Aplicações da Inteligência Artificial no eoprocessamento: Reflexões sobre Impactos Tecnológicos e Sociais Diego Oliveira de Aquinos; Jussara dos Santos Rosendo – III ENCONTRO TÉCNICO CIENTÍFICO DOS GRUPOS PET - 2025	20	
	DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: resultados da plataforma DataCana no mapeamento da cana-de-açúcar. Pedro Henrique Assis Kourly; Gustavo Martins Corrêa dos Santos; Leandro Guimarães Medeiros; Jussara dos Santos Rosendo. III ENCONTRO TÉCNICO CIENTÍFICO DOS GRUPOS PET - 2025	20	
	XÔ PRECONCEITO – DEBATENDO ESTEREÓTIPOS E SAÚDE MENTAL: ESTÉTICA E ACEITAÇÃO NAS ESCOLAS POR MEIO DE RODAS DE VIVÊNCIA". Andrezza Gonçalves Lucas; Amanda Gonçalves Lucas; Ismaelly Victória M. da Silva; Micaele Gonçalves de ; Luciene Paulino Rodrigues; Jussara dos Santos Rosendo. . III ENCONTRO TÉCNICO CIENTÍFICO DOS GRUPOS PET - 2025	20	
35	Publicação de material hipermediático (texto, áudio e/ou vídeo) sobre divulgação científica em mídias variadas para o público.	15 pontos Por publicação	
	Canal do IMPUT – UFU no Youtube com vídeo aulas sobre o uso do QGIS	15	
	Plataforma integrada DATAkana	15	
	Video Pitch de divulgação científica do DATAkana	15	
	Apresentação de trabalho ou mostra documental em reunião científica.	10 pontos Por trabalho	

38	<i>Serão pontuados apenas os trabalhos apresentados pelo docente, comprovados por certificado assinado pelo Coordenador ou pelo Presidente do evento científico.</i>		
	DATAkana: uma plataforma web para disponibilização de dados do cultivo da cana-de-açúcar em Minas Gerais – SBSR 2025	10	
39	Palestras e conferências proferidas, minicursos ministrados, seminários, oficinas, participação em painéis de debate ou mesas redondas em reuniões científicas promovidas por associações ou sociedades científicas ou associações esportivas nacionais e internacionais.	15 pontos por tema	
	A história do curso de Geografia do PONTAL e da Pós Graduação PPGE e o futuro- XV Geopontal e VII SINGEP 2024	15	
	ENFRENTAMENTOS INTERDISCIPLINARES AO ASSÉDIO: prevenir, acolher e transformar – IV ETC -2026	15	
43	Premiação ou menção honrosa de trabalhos artísticos, arquitetônicos, científicos, literários em eventos científicos, esportivos e culturais. O trabalho deverá ser pontuado uma única vez e a premiação ou menção honrosa deverá ser comprovada.	30 pontos Por premiação/ trabalho ou evento	
	DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: resultados da plataforma DataCana no mapeamento da cana-de-açúcar. Pedro Henrique Assis Kourly; Gustavo Martins Corrêa dos Santos; Leandro Guimarães Medeiros; Jussara dos Santos Rosendo. III ENCONTRO TÉCNICO CIENTÍFICO DOS GRUPOS PET - 2025	30	
	INOVA PET - 2025	30	
	Premiação com selo ODS-2025 – Rodas e acolhimento Filhos da Luz	30	
	Premiação com selo ODS-2026 – Rodas e acolhimento Filhos da Luz	30	
	Premiação com selo ODS- 2026 – Projeto Queimadas: conhecer para prevenir	30	
47	Estágio de pós-doutorado concluído pelo docente	5 pontos por mês completo	
	Estágio de pós-doutorado na UnB concluído pelo docente A comprovação será feita por declaração do supervisor do referido estágio – de 1 de fevereiro a 1 de agosto de 2025 - 6 meses	30	
51	Editores/organização de livros, de anais de eventos, coleções, periódicos ou dossiês de periódicos.	100 pontos Por obra	
	<i>Serão pontuadas as publicações comprovadas por cópia da folha de rosto do meio de divulgação e da ficha catalográfica.</i> Editoração dos Anais do III Encontro Técnico Científico Integrado dos grupos PET (outubro de 2025)	100	

	Subtotal	1535	
--	-----------------	-------------	--

A1.3 – PRODUÇÃO INTELECTUAL - TÉCNICA			
71	Membro de Comissão Organizadora de reuniões científicas, artísticas, culturais, técnicas e esportivas.	10 pontos por participação	
	PROJETO UFU NA ESCOLA E O PET (RE) CONECTANDO	10	
	ENCONTRO TÉCNICO-CIENTÍFICO INTEGRADO DOS GRUPOS PET - 2025	10	
74	Diretor-geral ou Editor Chefe de revista científica ou artística. Serão pontuadas as participações devidamente comprovadas pela Revista.	5 pontos Por mês completo	
	Editora-chefe da Brazilian Geographical Journal de setembro de 2023 até os dias atuais (22 meses considerando outubro de 2024 até julho de 2026)	110	
79	Membro titular de banca de Dissertação de mestrado.	15 pontos por participação	
	Rafael Zanetoni Penariol- 2025. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia.	15	
80	Membro titular de banca de Tese de doutorado.	20 pontos por participação	
	MARTINS, A. P.; ROSENDO, JUSSARA DOS SANTOS; LOPES, S. M. F.; TERRIBILE, L. C.; BRAZ, A. M.. Claudiane 2026. Tese (Doutorado em Geografia (Campus Jatai)) - Universidade Federal de Jataí.	20	
87	Relatório final de ensino ou extensão ou pesquisa <u>com</u> financiamento, com registro em Pró-Reitoria.	20 pontos por relatório	
	Relatório Técnico- Científico : DATACANA: monitoramento da cana-de-açúcar por meio do sensoriamento remoto e do geoprocessamento - 2025	20	
88	Relatório final de ensino ou extensão ou pesquisa <u>sem</u> financiamento, com registro em Pró-Reitoria.	10 pontos por relatório	
	QUEIMADAS: conhecer para prevenir	10	
	Subtotal	195	

TABELA A1.4 - ATIVIDADES DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA SEM REMUNERAÇÃO SUPLEMENTAR			
89	Coordenação de projetos de ensino ou pesquisa com financiamento externo, aprovado pelo órgão de fomento, pelo Conselho da Unidade ou órgão superior.	10 pontos por mês	
	2022- 2025 -DATACANA: MONITORAMENTO DA CANA-DE-AÇÚCAR POR MEIO DO SENSORIAMENTO REMOTO E GEOPROCESSAMENTO. Edital 001/2018 - Universal	110	

	FAPEMIG, registrado sob código APQ-01102-22 . Início outubro de 2022, considerado de outubro de 2024 a agosto de 2025 (11 meses)		
	2024-atual Melhoria dos processos editoriais da Revista Brazilian Geographical Journal , financiado pela FAPEMIG, REGISTRADO sob código APQ-04914-23. Início janeiro de 2024 até os dias atuais – 22 meses	220	
91	Coordenação de projetos de ensino ou extensão ou pesquisa <u>sem</u> financiamento e registrado em Pró-Reitoria	3 pontos Por mês completo	
	RODAS DE ACOLHIMENTO (2025)	30	
	Discutindo estereótipos estéticos, de gênero e étnico-raciais (2025)	30	
	QUEIMADAS: conhecer para prevenir (2025)	21	
	QUEIMADAS: conhecer para prevenir (2026)	18	
	Discutindo estereótipos estéticos, de gênero e étnico-raciais (2026)	18	
	Dialogando Sobre o Congado: Saberes do amanhã (2026)	18	
	Cine PET (Desconectando) - 2026	18	
	Subtotal	483	

A.1.6 – ATIVIDADES DE GESTÃO			
	Coordenação de Laboratório e grupos/núcleos de pesquisa	2 pontos/mês	
136	Coordenação do Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. (PORTARIA SEI DIRICHPO Nº 13, DE 21 DE SETEMBRO DE 2018) de setembro de 2018 até os dias atuais – 21 meses	42	
	Lider do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geoprocessamento Aplicado a Mapeamentos Ambientais cadastrado no CNPq – 21 meses	42	
	Lider do Grupo de Pesquisas Impactos Ambientais das Mudanças de Uso de Terra no Cerrado – IMPUT, cadastrado no CNPQ – 21 meses	42	
	Lider do Grupo de Pesquisas Núcleo de Pesquisas Territoriais – NUPET, cadastrado no CNPq- 21 meses	42	
135	Banca de Processos Seletivos de discentes.	7 pontos	
	Banca de processo seletivo do PPGE – Edital 1/2025	7	
	Banca de processo seletivo do PET – Edital 1/2025	7	
138	Tutoria do Programa de Educação Tutorial.	20 pontos Por mês completo	
	Tutoria do Programa de Educação Tutorial (Re) Conectando saberes. Desde maio de 2022 até os dias atuais. (21 meses completos desde novembro de 2024 a julho de 2026)	420	

	Subtotal	602	

A1.7 – LICENÇAS, SITUAÇÕES ESPECIAIS E AFASTAMENTOS			
111	Licença saúde	1/730 Da pont. de referencia	
	Licença saúde iniciada em 01/08/2026 a 30/08/2026 (30 dias)	1/730*1000*30dias= 41,09	
	Prorrogação de Licença saúde em 01/09/2026 a 15/09/2026 (15 dias)	1/730*1000*15dias= 20,54	
	Licença saúde iniciada em 08/04/2026 a 08/05/2026 (30 dias)	1/730*1000*30dias= 41,09	
	Prorrogação de Licença saúde em 09/05/2026 a 24/05/2026 (15 dias)	1/730*1000*15dias= 20,54	
166	Afastamento para cursar Pós-doutorado 01/02/2025 a 01/08/2025 (180 dias)	1/730*1000*180dias= 246,57	
	Subtotal	369,83	